

Colónia
Montanhês

PINGO DE LÁZEA



OS MONTANHEIROS
SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA

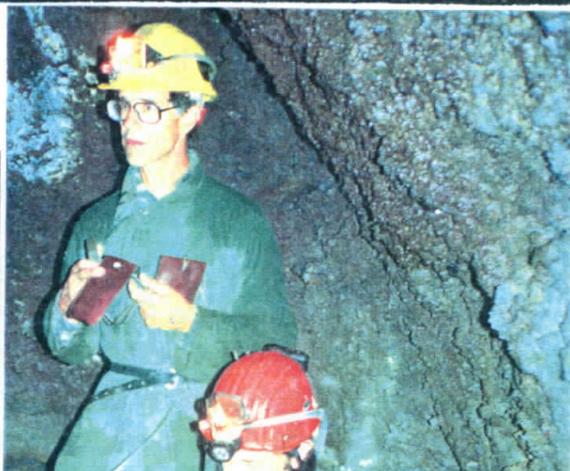
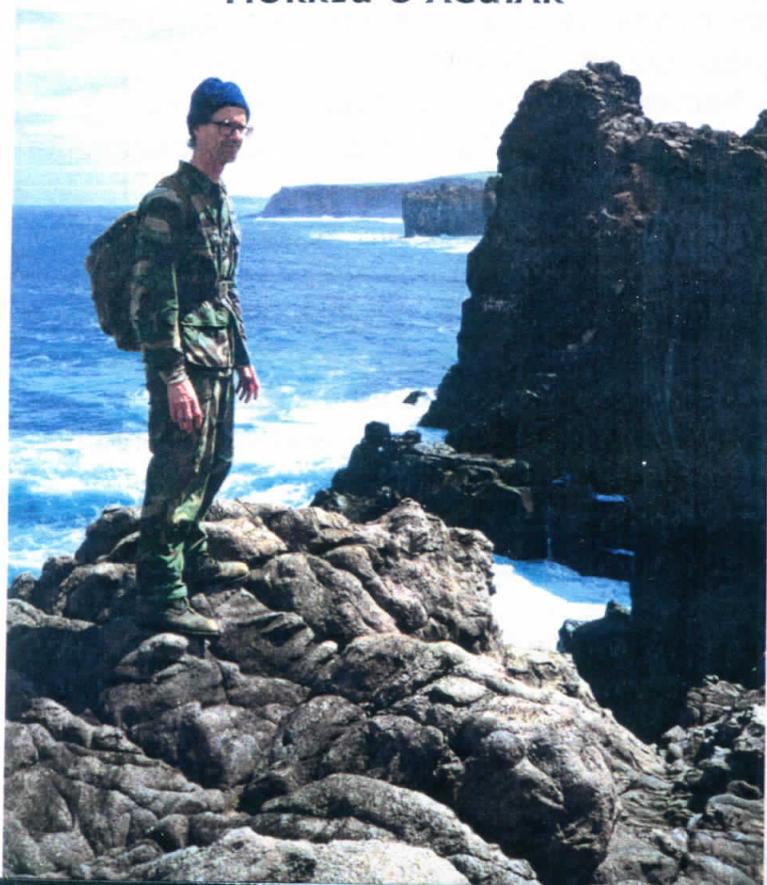
ILHA TERCEIRA - AÇORES

NÚMERO 33

BOLETIM INFORMATIVO

SETEMBRO 1995

MORREU O AGUIAR



SUMÁRIO:

IN MEMORIAM - LER AÇORES - TRILHOS d'ILHA-95 ("Expansão") - BIBLIOGRAFIA ("Viagens Geológicas aos Açores") - MISSÃO SPELEOLAJES-95 - DOCUMENTOS VIVOS - TRILHOS d'ILHA-95 ("Interrupção") - VIDA SOCIAL - GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES ("Gruta das Pombas" - Santa Maria) - RECORTES DO ALBUM - ÚLTIMO PINGO



MANUEL DE AGUIAR SILVA
1941 - 1995

NO RUMO DAS ESTRELAS

Nos escombros da vida passou um homem.

Caminhava seguro e com vontade ganhando entusiasmo renovado em cada passo que imprimia nos caminhos perfumados do universo.

O universo deste homem podia não ser mais do que o espaço limitado duma ilha ou de várias ilhas perdidas na imensidão do mar. Mas os caminhos a percorrer eram sempre os menos conhecidos e pouco calcorreados pela ambição humana.

A ambição deste homem era conhecer todos os caminhos verdadeiros e descobrir novos caminhos da natureza. Foi essa a sua missão.

Quando o espaço visível se tornava escasso e a natureza superficial sofria degradação havia que inventar novos percursos. E era penetrar as entranhas da terra como se o mundo e a vida não fossem um mistério. Lá, bem fundo, no coração telúrico da natureza, o homem sente-se plenamente integrado e conscientemente reduzido à sua dimensão natural, embora espiritualmente dignificado.

É no ventre da criação que o homem melhor se encontra consigo mesmo e com o poder supremo do Criador.

Este homem passou nos escombros da vida a guiar companheiros por atalhos que desembocavam sempre em pedaços de paraíso e não teve pejo em seguir marcas deixadas por outros homens anonimamente esquecidos. Nesse gesto humilde de peregrino do conhecimento ele aprendeu e ensinou imprimindo sulcos de posteridade nas próprias pegadas do seu percurso.

Ao longo da caminhada este homem contagiou muitos outros homens. Irradiou força, vontade e perseverança. Ele próprio foi determinado e perseverante até ao fim.

Porque este homem passou na vida o mundo ganhou nova beleza, novos espaços, nova dimensão... E nós que ganhámos gratuitamente o favor espontâneo



e a franqueza contagiante da sua amizade somos os primeiros beneficiários deste processo de respeito pela existência do que existe sem a interferência abusiva do homem.

Chamava-se Aguiar. Sempre a guiar nas sendas da vida foi luz, foi farol, foi facho... Foi rasto foste a indicar rumos de certeza.

Nos escombros da vida passou um homem.

Era bom, amigo, carismático, dinâmico, corajoso, alegre, determinado, contagiante, altruista, abnegado, extrovertido, sincero, aberto ao mundo e aos outros... As suas qualidades sublimaram-no. Caminhou no rumo das estrelas.

Nós, que o vimos passar, ficamos a olhar o seu fulgor e sentimo-nos invadir da força impulsiva que nos impele a seguir o rasto que dele ficou.

A vontade dum homem pode ter o ímpeto dum vulcão e o brilho duma estrela.

Chamava-se Aguiar.

Pico, Setembro 1995
Albino Terra Garcia

Parlamento

MEMÓRIA DE GENTE ILUSTRE

O Padre-Jornalista Coelho de Sousa, porque "amava tudo o que era belo", e Manuel Aguiar, porque "deixou para sempre o seu nome ligado à actividade espeleológica", foram lembrados na Assembleia Legislativa Regional.

OPSD apresentou outro voto de pesar em homenagem a Manuel Aguiar da Silva, "miçaelense por nascimento, terceirense por adopção, açoriano pelo coração, autonomista convicto e amante da natureza. O Aguiar, como era conhecido, foi cidadão exemplar que dei-

xou, para sempre, o seu nome ligado à actividade espeleológica, ao seu desenvolvimento e aprofundamento. Acção esta que extravasou mesmo os limites geográficos da "sua" ilha Terceira, como ele fazia questão de afirmar.

O Aguiar era um dos principais responsáveis da sociedade "OS MONTANHEIROS" para onde entrou em 1964, tendo sido seu presidente desde 1975 até à data do seu falecimento.

O Aguiar "sonhou, projectou e trabalhou até cerca de um mês e meio antes da sua morte".

Era considerado por todos como um operacional por excelência, um elemento imprescindível e portador de um dinamismo impressionante, que foi a "chave" do êxito que os Montanheiros vêm obtendo, ano após ano".

IN MEMORIAM

DIÁRIO INSULAR, 1 de Setembro de 1995

Dedicado ao pai da natureza terceirense

- Sandra Costa

Aguiar, porque partiste?...

Todos partimos, é verdade, mas tu eras imortal, tu eras o pai de todos os seres vivos, eras por assim dizer, o Deus de toda a mãe Natureza.

Possivelmente, estás a achar estranho, que eu te escreva esta carta, estas linhas que simbolizam saudade. Nem parece uma coisa da tua sandrinha, da tua amiga peguenina, que tu nem tiveste tempo de realmente te aperceber como eu cresci, crescimento este que em parte te devo a ti; muita coisa que eu aprendi, foi fruto de toda a sabedoria do meu amigo Aguiar, do meu Mestre, melhor dizendo.

Hoje, tenho eu quase dezassete anos, e ainda tenho muito que aprender, muito que saber sobre esta nuvem negra que nos rodeia, mas... onde está o meu amigo, o meu professor?

Olha Aguiar, onde quer que estejas, quero que saibas que um dia também eu viajarei para este Além, para mim ainda incerto, e nessa altura, na altura em que eu te encontrar, quero-te dar aquele abraço que eu, infelizmente, não tive tempo de dar.

Talvez esta viagem para ti, foi aliviante, foi a maneira que encontraste para fugir a esta doença maldita, que tanto te fazia sofrer, que tanto tu lutaste contra ela, ao lado daquela pessoa maravilhosa, que é a tua mulher, à qual todos nós devemos um agradecimento, pela força que ela teve, por tudo o que ela fez pelo nosso Aguiar...

- Obrigada Marcelina, obrigada pela mulher que foste, que és, e que sempre serás. Parabéns pelo orgulho e pelo prestígio que deste ao nome

MULHER!

Bom Aguiar, eu queria ficar para sempre aqui a falar contigo, mas infelizmente, tenho que terminar, tenho que acabar a minha carta, para que ela chegue perto de ti o mais depressa possível.

Peço-te só mais uma coisa, onde quer que estejas, onde quer que te chamaram por precisar de uma pessoa como tu, lembra-te sempre da tua amiga, que apesar de ainda jovem ansiará sempre pelo teu abraço.

Até à vista.

- Osvaldo Pacheco

O Aguiar, assim era conhecido e respeitado por todos.

Foi em 1971 que comecei a contactar com ele.

Nessa época era meu professor de Zoologia (a minha primeira paixão intelectual) o dr. Adérito Medeiros de Freitas. E foi este professor que o Aguiar convidava para ser orador no 1.º de Dezembro, o dia do Aniversário de "Os Montanheiros". E eu fui para ouvir a conferência do meu Mestre. A sede de "Os Montanheiros"

O Aguiar

ficava, nessa época, na Rua de S. João e, se a memória não me falha, na casa que pertencera ao sr. Salomão.

O entusiasmo do Manuel Aguiar pela Natureza era enorme. E foi ele que muito contribuiu, com esse meu entusiasmo, para que a Sociedade Espeleológica "Os Montanheiros" viesse a ser o que é.

Eu sei que a vida é assim mesmo: que as pessoas passam; mas a morte de Manuel Aguiar é uma grande perda para "Os Montanheiros". Resta-nos a esperança que a obra de Aguiar venha a ser conhecida e seguida por outros.

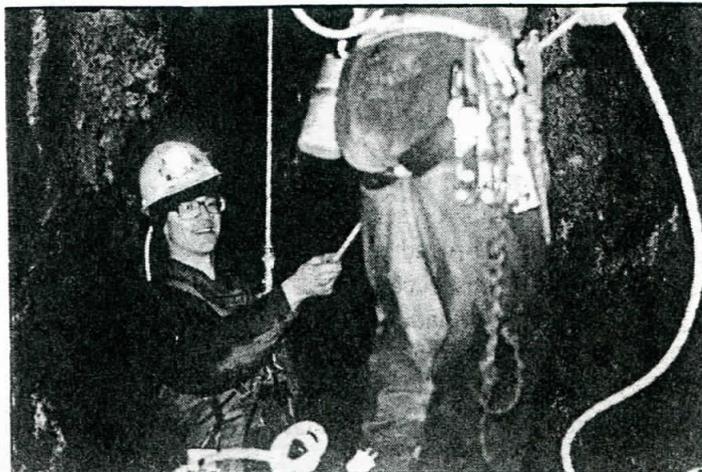
Tenho em Santa Maria, um amigo que é naturalista. Sempre que chegava à Terceira perguntava-me pelo Aguiar.

Ainda há pouco redigi um artigo, que destino, ao jornal "O Baluarte de Santa Maria", onde recordo pessoas... de grande entusiasmo pela Natureza.

Penso que o Aguiar com o seu temperamento extrovertido contribuiu decisivamente para que aparecesse gente que se entusiasma com a Sociedade Espeleológica "Os Montanheiros".

Outra faceta do Aguiar era a de músico de filarmónica e pertencia à Filarmónica da Fanfara Operária, se não estou em erro. Nunca estive muito ligado aos "Os Montanheiros" e isto, por que não tenho um grande interesse pela Espeleologia; mas sei que aquela Sociedade, graças ao Aguiar, é hoje, conhecida internacionalmente.

Aqui fica esta sentida meta de homenagem ao Manuel Aguiar que foi à nossa frente.



OS MONTANHEIROS

Sociedade de Exploração Espeleológica

VOTO DE PESAR

A Direcção de “Os Montanheiros”, e companheiros de aventura vêm manifestar o profundo pesar pelo desaparecimento do seu presidente e amigo **Manuel de Aguiar Silva**. Queremos marcar com o reconhecimento todo o trabalho que desenvolveu em prol desta Associação, da Ilha Terceira e da Região, na exploração do subsolo açoreano e divulgação das suas belezas naturais.

“Os Montanheiros” acabam de sofrer uma perda irreparável com o desaparecimento de Manuel de Aguiar Silva, aquele que foi um dos mais dinâmicos e eficazes elementos desde os tempos primórdios da nossa colectividade.

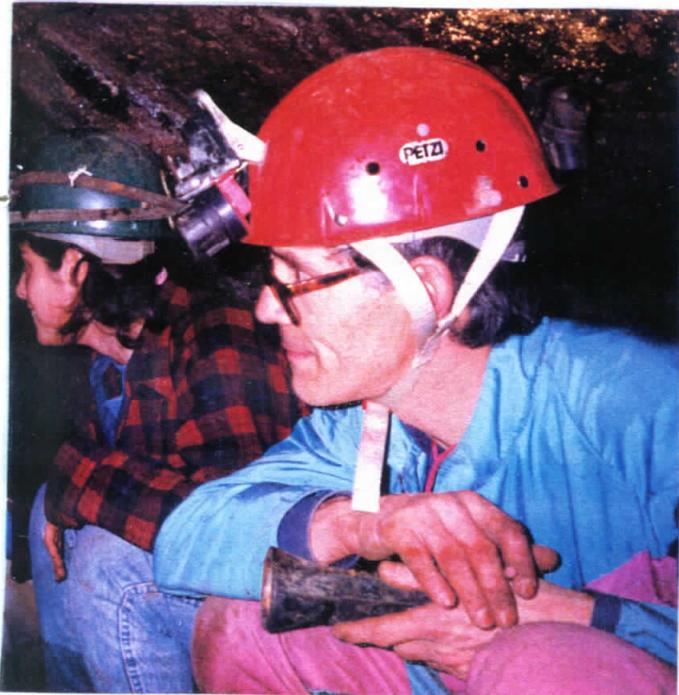
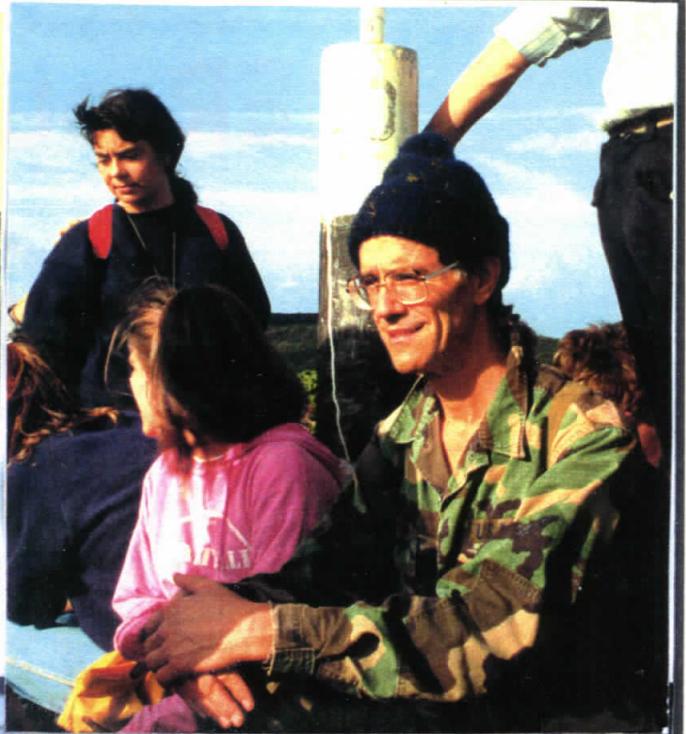
O Aguiar, como todos lhe chamavam, era presidente desta colectividade desde 1975, dedicando-se de alma e coração nas actividades da Sociedade. Era considerado por todos como um elemento imprescindível, um operacional por excelência, dotado de grande capacidade de trabalho e portador de um dinamismo impressionante, que em muito contribuiu para o êxito que “Os Montanheiros” vêm obtendo ano após ano. Estimado por todos os companheiros pela sua contagiante alegria onde quer que estivesse, criou um espírito de amizade entre todos os que com ele lidaram.

Atingido por gravíssima doença em Agosto de 1994, nem por isso deixou de prestar sempre a sua colaboração a esta colectividade. Não conseguiu, todavia, após prolongados tratamentos, resistir a tão cruel doença, vindo a falecer na noite de 27 para 28 do corrente mês.

A Manuel de Aguiar Silva...

COM ETERNA SAUDADE

A Direcção

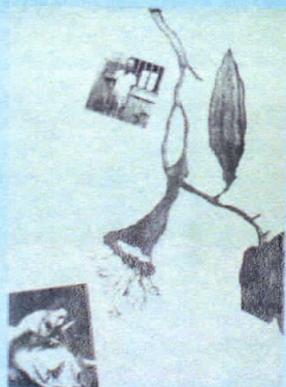


LER ou não LER

Açores

Ana Paula Costa

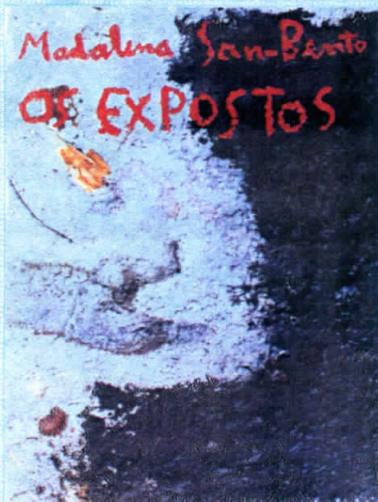
DAQUI ATÉ AO VERÃO



Prémio "Nunes da Rosa" (Conto)
Concurso Literário Açores 1994

Madalena San-Bento

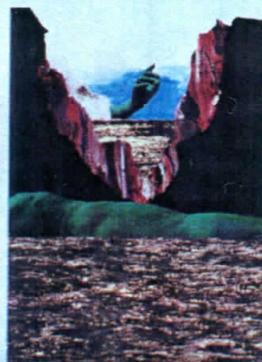
OS EXPOSTOS



Prémio "Vitorino Nemésio" (Romance)
Concurso Literário Açores 1994

HUGO SANTOS

CORPO ATLÂNTICO



Prémio "Antero de Quental" (Poesia)
Concurso Literário Açores 1994

JÁ NÃO É A QUESTÃO

Recomendado pelo Júri

Pierluigi Bragaglia

LUCAS E OS CACENAS



Recomendado pelo Júri

MADALENA GOMES

REGRESSO À CASA
DO ONTEM



EDIÇÕES DA
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRECÇÃO REGIONAL DOS ASSUNTOS CULTURAIS

"EXPANSÃO"

Domingo, 28 de Maio de 1995.

O sol brilhava e o dia convidava as pessoas a acorrerem às praias, mas também era óptimo o tempo para caminhar e conhecer as belezas naturais que abundam no sertão terceirense. O programa "TRILHOS d'ILHA -95" encontrava-se em plena "EXPANSÃO", já que se tratava da quarta caminhada que, desta feita, se iria desenrolar nas Lombas da Serra de Santa Bárbara, uma das zonas mais altas da ilha, habitualmente coberta pelo nevoeiro.

A afluência de pessoas foi em número reduzido em relação a outros passeios, talvez devido ao bom tempo que se fazia sentir em toda a ilha.

Eram 09H45 quando a caravana-auto partiu de Angra rumo ao Pico dos Pachecos (nos Altares), onde se fez curta paragem para troca de viaturas, as quais foram colocadas junto ao "Salto do Pereira".

Pelas 11H00 as três dezenas de caminhantes, com idades compreendidas entre os 12 e os 48 anos, deram início ao passeio "Malha Verde" acima (conjunto de grandes pastos com grande inclinação, na encosta NE da Serra, próximo do Pico Rachado). A subida fez-se por isso lentamente, sem pressas, até porque o local oferecia uma bela panorâmica. Mas, a fatigante ascensão não terminaria no cimo da Malha Verde, já que, logo após, seguiu-se a "Vereda dos Aguilhões" (um antigo atalho coberto de vegetação endémica), que atravessa parte do Pico do Aguilhão (921m), até se atingir, finalmente, as "Bagacinas", área que dá início à grande "Lomba Careca", a W da berma da Caldeira da Serra.

Foi uma hora de autêntica escalada, o que motivou alguma cansaço nos caminhantes pouco habituados a esforços deste género e também naqueles a quem já custa bastante puxar pela "caixa". Mas valeu a pena o esforço, pela beleza paisagística que se viria a disfrutar do alto da Serra, na berma da Caldeira por onde saíram as lavas das últimas erupções.

Ainda era cedo para o almoço e, depois de tirada a habitual foto de grupo, os caminhantes espalharam-se pela vasta área "pelada" da Lomba, de onde se podia admirar o interior da Caldeira, ali tão perto e ...simultaneamente tão longe! (tratando-se de reserva integral, estava interdito aos caminhantes penetrar naquela beleza e mirá-la bem de perto). Notou-se alguma tristeza no grupo, mas...houve que cumprir as determinações legais. Alguém murmurou: "afortunados terceirenses que tal beleza possuem e...tão distante do alcance de todos os que amam a Natureza!"

Pelas 12H30, fez-se a paragem para o almoço, na parte mais baixa da Lomba Careca, a fim de se obter algum abrigo do vento, que até nem era muito intenso e refrescava um pouco o calor escaldante que fazia, provocado pela potência solar a pique.



Os caminhantes trepando para o cimo da Serra

PARTICIPANTES

ALICE ROCHA - ANA RIBEIRO - ANNEKE KRANENBURG - ANTONIO MIRANDA - ARJAN STEFFELAAR
- ARMINDO DOMINGOS - ELSA FERREIRA - FERNANDO PEREIRA - FILIPA AVELAR - FILIPE SIL-
VEIRA - FRANCISCO CESAR - JOAO GOMES - JOÃO RODRIGUES - JOSE MARIA - LEONARDO PE-
REIRA - LUIS NUNES - LUIS PIMENTEL - LUIS VASCONCELOS - MARCO MELO - MARIA MENDES -
MARIO VELHO - MARITZA OLIVEIRA - PAULO BARCELOS - PAULO MONTEIRO - PAULO OLIVEIRA -
PAULO SOARES - RUI F. ARAUJO - TOMAS PEDRO.



Foto do grupo, tirada nas "Bagacinas"

A paisagem era bela e todos se sentiam pequenos ao mirarem as Lombas e os Mistérios Negros, ao mesmo tempo que se meditava sobre as forças da Mãe-Natureza que ali deixara subsistir aquela enorme corrente lávica, autêntico testemunho do fantástico relevo de toda aquela área que, ao longo dos séculos, se tem mantido viva e inalterável até aos nossos dias. Por enquanto...!?

Retomou-se a caminhada pelas 13H15. Através de um percurso fácil, desceu-se para a "Lomba da Rocha", por entre a sombra do arvoredado e sempre acompanhados pelos raios solares que se infiltravam pela vegetação. Quando contornávamos esta Lomba, houve um pequeno precalço da minha parte, ao sair do trilho e obrigando os participantes a uma volta (curta) à "Cova das Lombas" (pequeno vale rodeado pelo Pico da Lomba, Lomba da Rocha, Lombas Queimadas e Mistérios Negros). Todavia, não foi nada de desgastar: até foi bom caminhar mais um pouco na frescura que nos transmitia tão verdejante floresta.

Depois de algumas risotas e "bocas" dos caminhantes devido a este pequeno engano no trajecto, a caminhada prosseguiu normalmente, contornando-se o lado sul dos Mistérios Negros, onde se situava o "Vale Fundo" antes da erupção que, em 1761, até deixou como testemunho aquele assombroso e espectacular cenário.

Percorridos três montes destes "mistérios", fez-se uma paragem para um merecido descanso. Uns repousaram sob o silêncio espalhado nas redondezas, enquanto outros aproveitaram o momento para porem à prova as suas capacidades de fotógrafos, e ainda alguns mais afoitos preferiram escalar um dos montes para terem um "cheirinho" dos "Mistérios".

Pelas 15H00, deixou-se aquele pitoresco local e rumou-se para o "Vale Fundo" (ou o que dele resta), atravessando os Mistérios pela garganta entre estes e as Lombas Queimadas. Todos se sentiram "felizes da vida" por tudo o que a Natureza lhes permitia observar. Mas... não há bem que sempre dure! Ao chegarem ao Vale... foi a desilusão! Toda a vegetação endémica primitiva desaparecera, devido a um incêndio que alguém provocou anos atrás. Quem? Com que intenções? Não sabemos! Ninguém(?) sabe...! O que por ali se via era aquilo que desde há alguns anos se tornou numa "epidemia" para as florestas da Terceira e dos Açores. A flora primitiva desapareceu, trocada pela implantação selvagem da "Cryptomeria Japonica". Até o Vale Fundo (o que resta) está crivado desta famigerada praga. Com tantos desmandos, até parece que "Alguém com responsabilidades" não gosta da nossa vegetação endémica!

Que ninguém pense que "Os Montanheiros" são contra a introdução da criptoméria nos Açores. Nada disso! Como seria, por exemplo, a Estrada das Doze (tal como tantas outras) se, numa grande parte da sua extensão, não fosse ladeada por estas árvores. Também gostamos de vê-la como divisória de pastagens (como se pode presenciar em muitos locais da ilha), ou ainda em certas zonas que não afectem a flora primitiva. O SEU A SEU DONO...!



Alguns aspectos da caminhada. Em cima: na imensidão daquela que se designa a "Lomba Careca"; A esquerda: por entre a vegetação, ao lado da "Lomba da Rocha"; em baixo: os caminhantes junto à pequena lagoa do "Vale Fundo"





Atravessando os "Mistérios Negros"



"Oh! Deixei as chaves no carro..."

Tanto se tem "badalado" sobre a protecção e preservação do nosso património vegetal (e esperemos que a campanha continue...) mas, nos últimos tempos, parece-nos que tem sido mais fácil destruir do que manter.

Porque não se deixam as florestas endémicas entregues à lei da Natureza ? É mais fácil e mais económico, até porque as áreas que têm sido desmanteladas, por incúria humana, para além dos custos elevados que isso envolve, em nada vem favorecer a flora primitiva, para mais em locais tão aprazíveis como a área a que nos referimos.

Bom, regressando ao nosso passeio, e como o interesse na área que estava a ser percorrida era pouco (e curiosamente faz parte da "reserva parcial" da Serra), até houve quem perguntasse: -Reserva de quê? E com razão, já que o único sítio daquele local que prende a atenção é a pequena lagoinha que, teimosamente, vai continuando a resistir aos desmandos cometidos nas suas redondezas. Até quando...?

Uma hora foi o suficiente para percorrermos a distância entre os Mistérios Negros e o Salto do Pereira (local onde estavam as viaturas). A "pedalada" foi rápida já que nada de interessante havia para observar (e para que não fôssemos também contagiados pela epidemia...). O passeio terminou uma hora antes do horário programado. Foi pena que esta caminhada não tivesse terminado com o mesmo entusiasmo com que começou. Mas...enfim, os locais percorridos tinham interesses distintos: no alto da Serra (e ainda bem) as máquinas não "trilharam"...!

O regresso a Angra do Heroísmo fez-se pelas 16H00.

JOSE MARIA

“VIAGENS GEOLÓGICAS AOS AÇORES” Mr. F. Fouqué, 1873

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

III

As culturas na ilha de S. Miguel—O mundo organico nos Açores.

(Continuação)

O estudo aprofundado dos restos organicos d'esta lignite seria muito interessante: dar-nos-hia talvez a conhecer o processo que a natureza empregou para aproximar as plantas dos Açores das da Europa, e forneceria o modo de resolver mais de um problema de determinação botanica ainda hoje por esclarecer.

Entre as plantas açoriannas tidas como indigenas, a maior parte das que fôram aproximadas das especies da Europa distinguem-se das suas congêneres do continente por certas differenças de forma, de colorido ou mesmo de estructura que fazem consideral-as como pretendendo a variedades especiaes. Algumas vezes estas differenças são tão importantes e por tal forma constantes que os botanicos se virão no maior embaraço para decidir se tinham a occupar-se de especies muito proximas ou de simples variedades muito afastadas.

As ilhas do archipelago dos Açores dividem-se, debaixo do ponto de vista da flora tanto como debaixo do ponto de vista da sua distribuição geographica, em tres grupos principaes. O grupo oriental, composto por S. Miguel e Santa Maria, é aquelle que offerece a vegetação a mais variada: possui 390 especies; o grupo central, composto da Terceira, Fayal, Pico, Graciosa e S. Jorge possui 376; finalmente o grupo occidental, composto de Flôres e Corvo, não possui senão 241. Sem pretender tirar conclusão alguma d'esta distribuição de plantas em ilhas de dimensões designaes, farei comtudo observar que o numero de especies diminue n'estas ilhas, d'um grupo para o outro á

proporção que estes se afastam mais da Europa.

A multiplicidade d'arbustos e a veridante uniformidade que apresenta a flora dos Açores parecem ter impressionado vivamente a Cabral e seus companheiros quando aportaram pela primeira vez a estas paragens. Os flamengos e os portuguezes que colonisaram depois o archipelago introduziram no mesmo promptamente a maior parte das plantas cultivadas nos seus paizes nataes. Com o grão dos cereaes e d'outros vegetaes importados de proposito para a cultura, semearam sem o querer, nos campos e nos jardins uma grande variedade de sementes de diversos vegetaes. O vento e os passaros encarregarão-se de propagar muito longe estas sementes; actualmente um grande numero das especies d'esta sorte espalhadas estão por tal forma acclimatadas no meio das especies indigenas, que os botanicos têm grande difficuldade para lhes reconhecer a origem exotica, que a complicação da flora espontanea ha de fazer augmentar ainda mais com o tempo a proporção que o numero de plantas introduzidas fór sendo mais consideravel. Entre as plantas introduzidas recentemente, no estado silvestre, limitar-me-hei a citar o exemplo do *pittasporum undulatum*. Este arbusto foi plantado nas quintas e nos jardins de S. Miguel; produz um grande numero de bagas que amadurecem perfeitamente, e que os passaros comem com avidéz, e que por este meio são transportadas aos sitios os mais reconditos da ilha, nos quaes germinam e vegetam. A germinação das sementes por este meio opera-se mais facilmente do que quando são semeadas directamente. Passando pelo canal digestivo dos passaros, parece que pela acção dos liquidos intestinaes se despoja

d'uma materia resinosa que os cobre superficialmente, e que obsta á penetração da humidade precisa para o desenvolvimento do embrião.

Os jardins d'onde se escapam estes vegetaes transfugos são quasi todos situados na vizinhança da cidade de Ponta Delgada. A maior parte são espaçosos e em doce declive em direcção á bahia. Gosa-se do recinto d'elles, d'um extenso golpe de vista sobre o mar. Lindos tableiros de verdura e espaçosos passeios serpenteião por entre uma multidão d'árvores e arbustos diversos, enterlaçados com arte. As arvores de casulo, as coníferas, as myrtaceas, as protoaceas, as palmeiras e milhares d'árvores d'outras familias ali se apresentam, excitando cada uma de per si a admiração do passeante, umas pela sua corpulencia e porte magestoso, pela graça em singularidade de sua folhagem, pela belleza de suas flores, outras pelo enorme diametro do seu tronco. As australianas, as cryptomerias, as wellingtonias, elevava orgulhosamente suas sumidades no meio d'esta vegetação; as casuarinas arredondam seus ramos pendentes carregados de folhas articuladas como a haste das nossas *cavallinhas* (1); a tulipeira expõe suas largas e profundas chanfraduras; as aralias sobressahem pela sua folhagem delicada, as banksias, e os metrosideros pelas suas moitas floridas. Na jardim do sr. José do Canto, vi um alamo plantado havia dois annos tendo já 5 metros de altura, um cypreste de oito annos com um diametro de 0^m,70 (2). O porte esplendido das dracenas, das yucas, dos pandanus, e a imponente belleza das palmeiras (3), são superiores ao que se possa dizer. Entre as plantas mais notaveis d'esta ultima familia, citarei unicamente uma *musa ensete* oriunda da Abyssinia que pela primeira vez deu fructo nos Açores. Esta arvore, que o sr. José do Canto adquirio ainda mui pequena, por permuta, feita em 1866, com o jardim botanico d'Alger, tem actualmente 5 metros d'altura e 66 centimetros de diametro. Não dá resfôlgadoiros; e por essa razão os milhares de sementes que produzio teem um valor extraordinario aos olhos de todos os amadores da horticultura.

N'estes jardins, o accidentado dos terrenos é cuidadosamente aproveitado. Aqui, um montão informe de lavas aridas é coberto com um brilhante adorno de flores de

cactus ou ornado com crassulaceas que cahem em longas grinaldas; ali uma antiga pedreira é transformada em um terrado humido todo guarnecido, no solo e nas paredes que o circundam com fétos e hycopodeos. As alsophilas attrahem sobretudo a attenção pelas suas bellas hastes arborescentes e pela sua folhagem recortada; as cyatheas as dicksonias, certos blechium, rivalisam com ellas pelo vigor da sua vegetação; alguns d'estes fétos distinguem-se pelo seu brilhantissimo prateado ou pela variedade das formas de suas folhas (4). Em outro sitio do jardim um riacho d'agua perenne alimenta um pequeno lago aberto no meio de pedaços de lava irregular. Varios bambous se ostentam nas margens d'este lençol d'agua; suas hastes elevadas, d'uma só côr, ou riscadas de côres diversas, se baloição brandamente com e sopro da brisa. Alguns teem um grande diametro. Para dar uma idéa da rapidez de sua vegetação, citarei para exemplo um d'elles que, trasido da Algeria em 1867, tinha já no anno passado rebentões com 10 metros de altura e 20 centimetros de diametro. Novas plantações de lorangeiras de variedades introduzidas recentemente são abrigadas do vento com linhas d'abrigos formadas de camelias, d'azaleas e de rhododendrons. As piteiras, os dasilirium, os aloés, crescem e florécem no meio de canteiros em que estão reunidas um sem numero de plantas notaveis pela beleza de suas flores ou pelo colorido de suas folhas; os pelargonium, as campanulas, as varonicas, as fuchsias, uma multidão de plantas labiadas e compostas, as begonias, as gloxinias, as cannas, são agrupadas em massiços elegantes e espessos dos quaes a riqueza e a variedade produzem um golpe de vista admiravel.

O visitador que percorre esses immensos jardins deixa os sempre maravilhado; mas desconhecer-se-hia o seu principal character, se não se visse ali senão uma obra para recreio. Para apreciar bem o commetimento, é mister penetrar na parte do jardim reservada especialmente ás sementeiras e esperiencias de culturas de plantas uteis. Canteiros numerosos, infilleirados em terrassos e separados por linhas d'arbustos ou a maior parte das vezes circundados por uma divisão pouco elevada de thuyas, deixam vêr myriadas de pequenas plantas que se ex-

(1) Especie de feto.

(2) *Populus quadrangulata*, *cupressus macrocarpa*.

(3) Principalmente dos *chamærops*, das *jubosas*, das *carvôlas*, das *oreodoxas*, e das palmeiras.

(4) *Pteris argilia*, *asplenium diversifolium*.

põem aos raios do sol, procurando obter d'elles o calor que lhes é preciso para sua vegetação. Cada uma d'estas pequenas divisões produz o effeito d'uma floresta em miniatura. As sementeiras são ordinariamente feitas em vasos cheios de terra, e a planta nascente só é posta em viveiro quando a sua haste tem alguns centímetros d'altura. E' plantada no campo no sitio em que ha de fazer-se arvore, quando parece ter o vigor preciso para supportar a mudança. Renunciou-se á sementeira no proprio local, por causa dos ratos que devoravam as sementes ou roião as plantasinhas.

O numero d'arvores criadas d'esta forma nos jardins de Ponta Delgada e transplantadas depois em diversas partes da ilha é quasi incalculavel. A essencia cultivada em muito maior quantidade é o pinho marítimo. O sr. José do Canto planta annualmente mais de dois milhões, e seu mano o sr. Ernesto do Canto proxicamente 1 milhão e meio, e os demais grandes proprietários quantidades analogas. As essencias florestaes cuja cultura tem em seguida maior importancia são a *cryptomeria*, o *eucalyptus*, a acacia (1), as *cyprestes* e os carvalhos. A tulipeira, a *cunninghamia insensis*, as *thuyas*, os cedros, o zimbro das Bermudas, as araucarias, o jacarandá, o abeto, o olmo, a nogueira da Europa, desenvolvem-se perfeitamente nos Açores (2). Na lista das essencias florestaes cuja cultura foi experimentada pelo dr. Ernesto do Canto figuram 36 especies de pinheiros, 28 carvalhos, 36 acacias, 16 bordos, 14 cyprestes, 7 abetos, 5 *cryptomerias*, 10 castanheiros, 8 *eucalyptus*, 6 casuarinas, etc. ao todo proxicamente 800 especies de plantas arboreas. O numero de especies cuja introdução foi tentada pelo sr. José do Canto é ainda mais consideravel.

Entre as experiencias para acclimação vegetal que tiveram logar nos Açores, uma das mais notaveis e interessantes foi a verificada com as quinas da Nova-Granada. Depois de muitos esforços sem resultado, o sr. José do Canto reconheceu que estas arvores se desenvolviam muito bem em S. Miguel, comtanto que fossem plantadas pro-

ximamente a 200 metros acima do nivel do mar e de estarem ao abrigo da violencia dos ventos. Jma plantação n'estas condições proxima do Pico da Pedra está actualmente em via de bom crescimento. Uma outra cultura tentada igualmente com bom resultado é do linho da Nova Zelandia (*Phormium tenax*). Em alguns annos a fibra textil extrahida d'esta planta entrava em concorrência com o linho do paiz. Finalmente o arbusto que produz o chá cresce admiravelmente nos jardins de Ponta Delgada. A cultura é facil; não falta senão conhecer exactamente as condições em que deve realisar-se a colheita, antes de pensar em fazer a multiplicação em grande.

Até hoje, o pinheiro marítimo, o loureiro das Indias e o alamo da Europa tem sido as unicas arvores que tem fornecido a madeira para as caixas de laranjas; mas antes de muito tempo hão de ser substituidas em parte pela *cryptomeria*, *eucalyptus* e *acacia*. Já se veem muito bellas plantações d'estas tres essencias. Uma das mais antigas, é a da lagoa do Congro, que foi plantada ha 27 annos, aonde se encontram *eucalyptus* que actualmente tem perto de 40 metros de elevação, e *cryptomerias* com igual elevação. Comtudo o pinheiro marítimo é ainda a arvore que parece convir melhor ao clima dos Açores: cresce nos sitios os mais estereis e os mais expostos á acção dos ventos; vegeta muito bem perto do mar, e melhor ainda em altitudes de 600 a 800 metros. Uma arvore d'esta essencia, plantada ha cincoenta annos perto da Ribeira Grande, tem actualmente attingido uma altura consideravel, e tem um diametro de 1 metro e 20 centímetros. A casca d'esta arvore, como a d'um pinheiro pequeno, mostra ainda intacta a marca das folhas que cahiram. O pinheiro marítimo parece, alem d'isso tão rico em resina nos Açores como no Continente; as experiencias feitas recentemente sob este ponto de vista deram o melhor resultado. As plantações feitas em certos terrenos de pedra pomos módificaram completamente a natureza da vegetação. D'antes sobre as pedras pomos estendia-se uma camada uniforme e espessa de musgos humidos.

(1) *Cryptomeria japonica*, *eucalyptus robusta*, *acacia melanoxylon*.

(2) *Thuya orientalis*, *cedrus robusta*, *juniperus hermuciana*, *araucaria excelsa*, *jacaranda mimosoefolia*, *abies-petinata*, *ulmus*, *ulmus montana*, *juglans nigra*.



À MEMÓRIA DO AGUIAR
COMPANHEIRO DE TANTAS MISSÕES...

SPELEOLAJES 95



A equipa que se deslocou ao Pico, posando após um dia de trabalho junto à Escola Secundária, e com a Montanha por fundo: José Maria, Paulo Barcelos, Alfredo Moniz, Fernando Pereira, Jorge Silva, Luis Vasconcelos, José Duarte e Luis Pimentel (da esquerda para a direita)



Na sua "HISTÓRIA DAS QUATRO ILHAS QUE FORMAM O DISTRICTO DA HORTA", editada na cidade faialense em 1871, escreve, a dado passo, o professor António Macedo:

"A notícia da nova ilha brevemente lhe atrahio varios aventureiros das mais proximas, que trataram de a explorar e se foram ultimamente estabelecer com suas famílias na parte do sul, no sítio em que hoje existe a villa das Lages, onde construíram algum tempo depois uma ermida ao apostolo S. Pedro, que ainda hoje existe e foi a primeira igreja do Pico que servio por algum tempo de parochial."

Também a equipa operacional de "Os Montanheiros", cinco séculos volvidos, resolveu assentar arraiais nas Lajes do Pico, onde, durante uma semana, percorreu todo o concelho em busca de vestígios da actividade vulcânica que, ao longo do tempo, se verificou nesta ilha. Foi a primeira vez que, formalmente, a colectividade enviou uma missão a este concelho, já que, na maioria das expedições, o "quartel general" é a vila da Madalena.

Todavia, e dadas as grandes distâncias a percorrer na ilha Montanha, tornava-se mais prático, para o fim em vista, montar o "quartel" na vila das Lajes, aliás a mais antiga da ilha, fundada em 1501, e a cujo facto alude a obra literária acima mencionada:

"Creada a villa da Horta seguiram os picoenses o exemplo, e logo que obtiveram a permissão regia fundaram a villa das Lages, nome derivado do lagedo que a borda pela frente, construindo também a sua matriz e casa da camara, que ainda existem de pé, posto que muito arruinadas."

Eram 08H30 do dia 6 de Setembro quando, a bordo do "Cruzeiro das Ilhas", o grupo partiu do cais do Porto das Pipas para uma viagem que se iria prolongar por várias horas e sobre um mar um pouco alteroso, com vagas que chegavam a atingir os quatorze metros; uma destas, e quando o barco já se aproximava da ponta do Topo (S. Jorge), deixou o José Maria completamente encharcado quando este, absorto nos seus pensamentos, observava o mar imenso, sentado numa das cadeiras laterais do convés da embarcação. O Alfredo Moniz e o Luis Pimentel, sentados a seu lado, já se preparavam para "gozar" com o sucedido quando, vinda do convés superior, a água tombou-lhes por cima da cabeça, penetrando pelo pescoço até às cuecas. Pouco tempo depois, o iate dobrou a ponta do Topo e o mar acalmou consideravelmente e, como fazia sol, a roupa foi secando até à chegada à vila da Calheta e durante a curta estadia nesta.

A demora na Calheta foi de cerca de hora e quinze, sendo o resto da viagem até ao Cais do Pico feita sobre um mar mais calmo e bom tempo.

Eram 15H05 quando o barco atracou e aí nos aguardava o transporte para a vila das Lajes: uma carrinha da Câmara Municipal, conduzida pelo senhor José Pimentel, "talhada" à medida das necessidades da expedição (9 lugares e depósito de bagagem q.b.).

Já passava das 16H00 quando chegámos ao nosso "quartel general", uma das salas de aula da Escola Secundária das Lajes (a nº 7,) entretanto ainda no tempo do "defeso" e onde, amavelmente, nos foram disponibilizadas umas camas articuláveis que satisfizeram as nossas intenções.

Nesse dia 6, já não havia tempo para qualquer tipo de exploração, pelo que se tentou obter algumas informações sobre grutas e algares existentes no concelho, junto da população, delineando-se depois o "programa" do dia seguinte. Aliás, a viagem havia sido fatigante e o pessoal precisava de repousar, a fim de estar operacional para a missão a executar.

Enquanto obtivemos o apoio da F.A.P., os trabalhos começavam logo no dia da chegada, já que não há comparação possível entre os dois tipos de transporte. A duração das expedições era então de 6 dias, a que houve agora que acrescentar mais dois dias, totalmente ocupados com o transporte de e para a ilha do Pico. Mas, enfim, tenhamos esperança que voltem os bons velhos tempos...

Na manhã do dia 7 tiveram início os trabalhos, com a partida pelas 09H00 na carrinha da Câmara (a qual aliás esteve sempre conosco e sempre conduzida por José Pimentel) para Santa Bárbara das Ribeiras, mais concretamente para o Caminho de Cima da freguesia, onde, na zona dos Terreiros se procedeu à exploração da GRUTA DO GABRIEL e do ALGAR DOS TÚNEIS (A - no mapa). Qualquer destas cavidades se situa junto a habitações pelo que não nos admirou a quantidade de lixo existente no interior da gruta e do algar. Já é habitual a falta de sensibilidade das populações para a preservação do seu ambiente natural, comportamento que, aliás, devia ser modificado através de acções específicas exercidas conjuntamente pela autarquia e junta de freguesia.

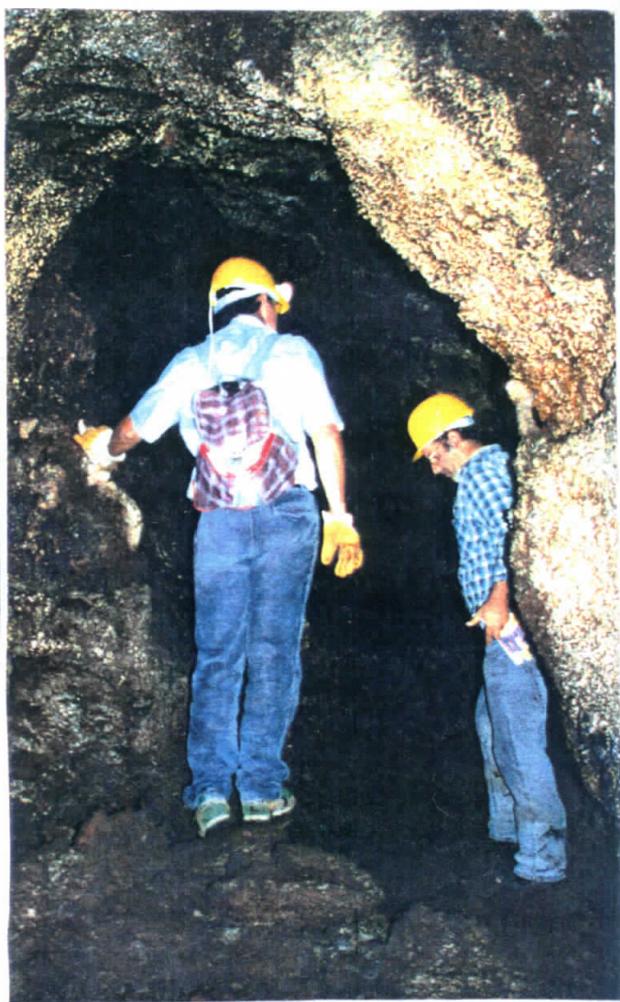
A Gruta do Gabriel é, aliás, um interessante tubo lávico com 120 metros de comprimento, o qual foi medido, filmado e fotografado.

Quanto ao Algar dos Túneis, trata-se de uma formação vulcânica peculiar e que, dada a proximidade em relação à Gruta do Gabriel, deverá fazer parte do mesmo derrame lávico basáltico proveniente do Planalto do Topo. Este algar tem profundidade de 7,30m até uma sala de 10,5 X 9m, continuando depois em quatro túneis (em direcções opostas) com um comprimento total de 286m, o maior dos quais medindo cerca de 100m.

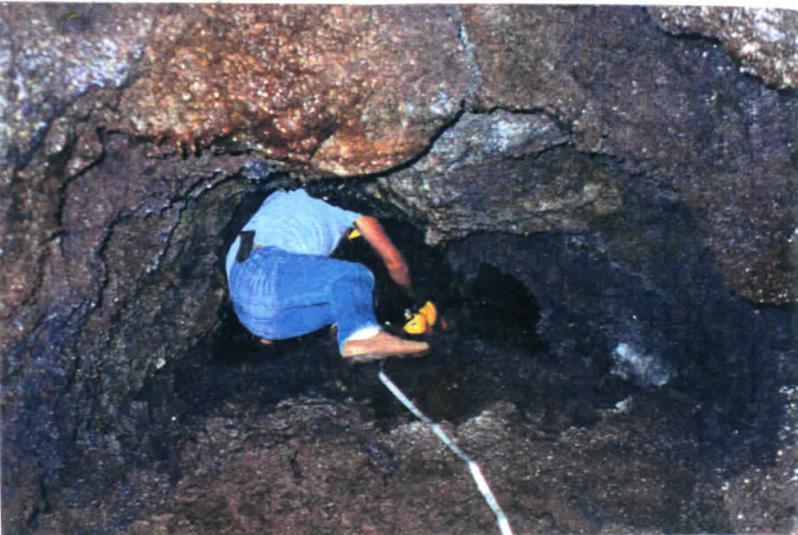
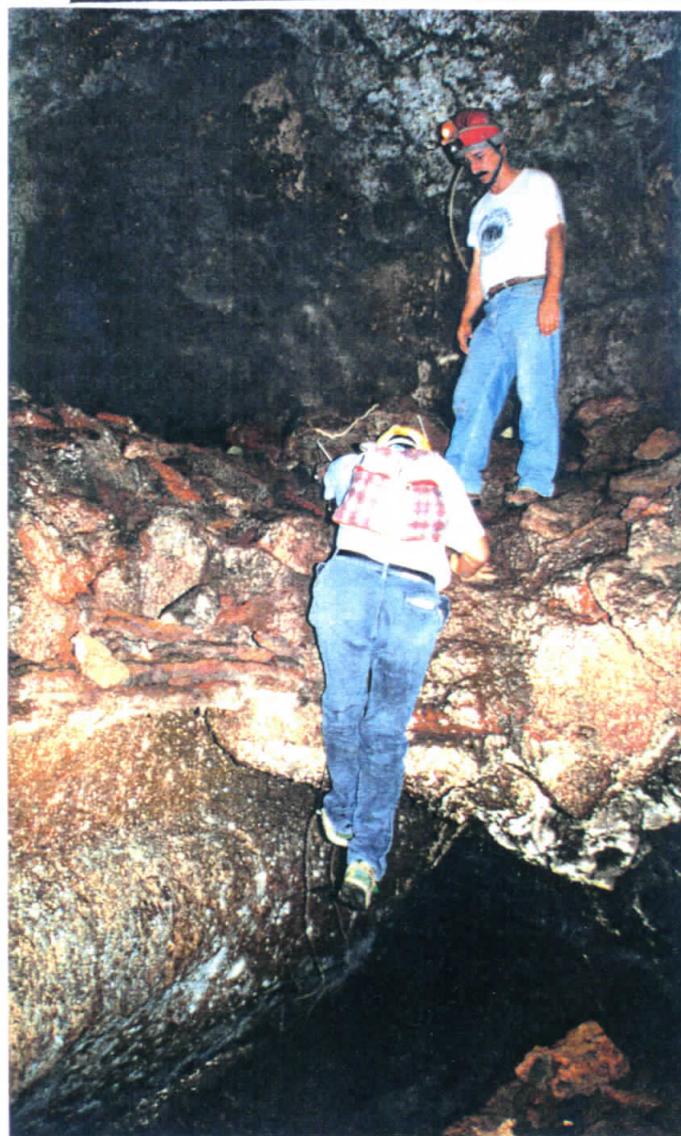
A Montanha do Topo (1096m) é o ponto mais alto da parte mais velha da Ilha do Pico (metade E do Planalto da Achada e suas dependências) e parece corresponder aos restos de um vulcão muito antigo, destruído pela erosão. As vertentes do planalto caem bruscamente, tanto para N como para S, de cerca de 500 a 600m de altura para uma distância horizontal de 1Km. Os vários agrupamentos da parte W do planalto runem-se, nas proximidades do Cabeço da Cruz e dos Grotões, num único alinhamento de rara possança e que se prolonga até à Ponta da Ilha.

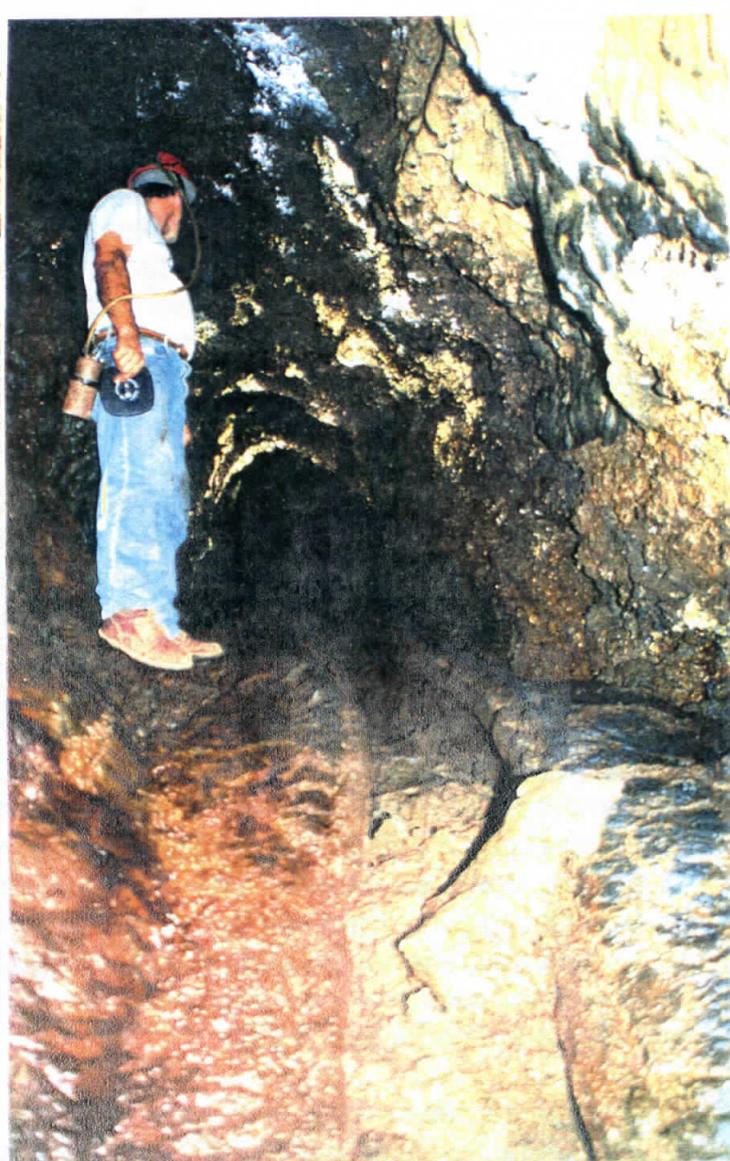
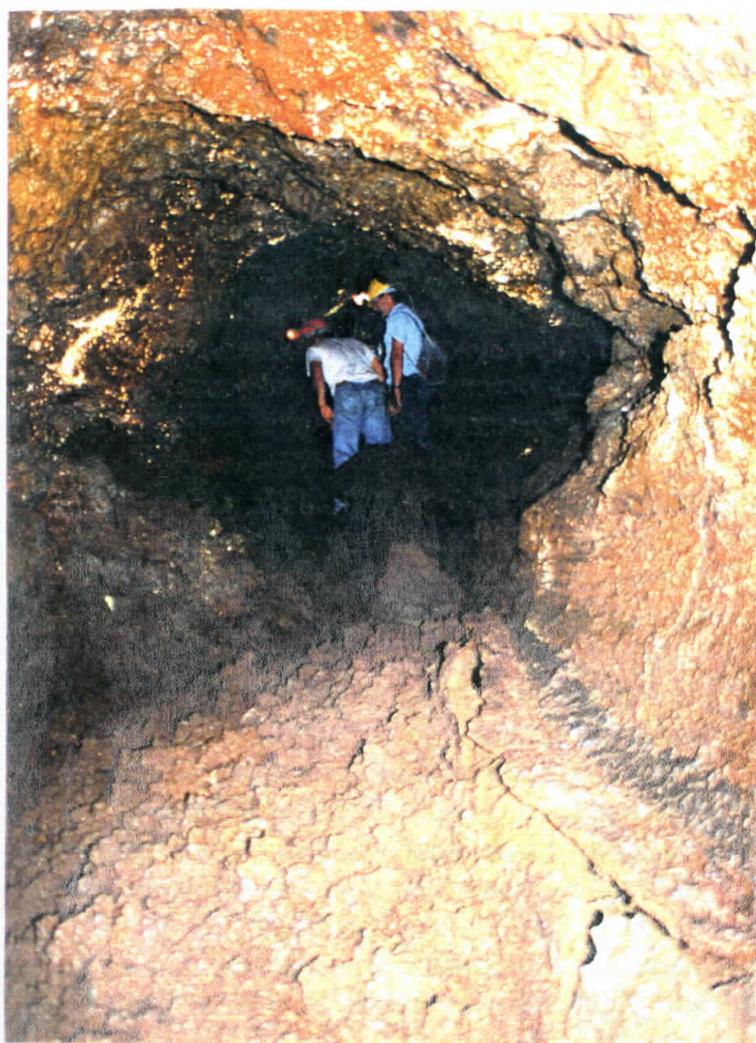
A Montanha do Topo é, pois, um velho vulcão (sobranceiro à Vila das Lajes) quase inteiramente destruído, apresentando no seu flanco E duas grandes depressões: as Terras Chãs e a Caldeira de Santa Bárbara, as quais representam, possivelmente, os restos de duas antigas crateras ou caldeiras vulcânicas. A primeira das duas apresenta, na sua parte ocidental, um escarpado formado na base por materiais de projecção, cobertos por lavas basálticas as quais, por sua vez, são cobertas por outros materiais piroclásticos que descem, a NW, até à Lagoa do Paúl e até à Ribeira do Caminho da Pedra." (Cfr. Carta Geológica de Portugal, "Notícia Explicativa da Folha B da Ilha do Pico", G. Zbyszewski e outros, 1963).



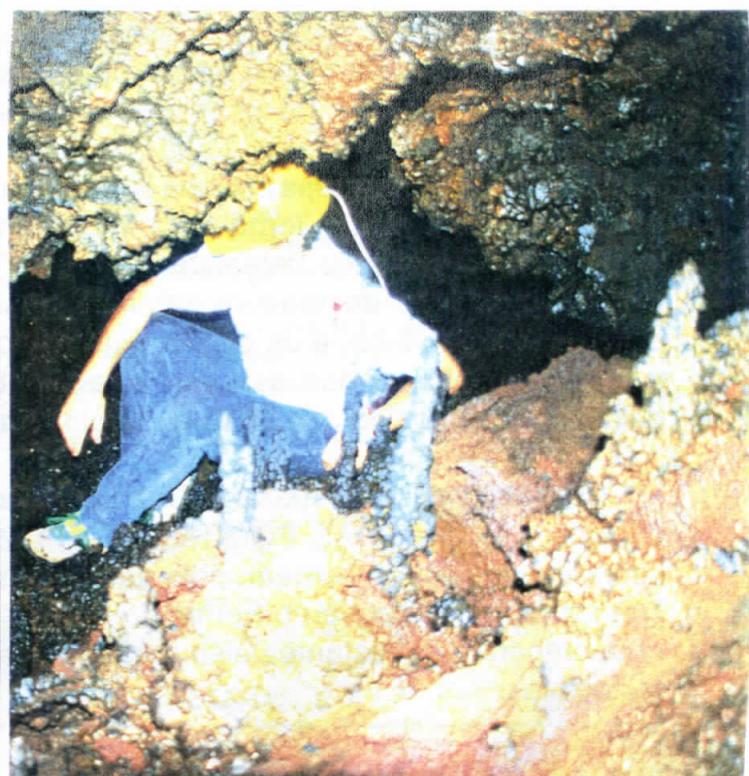
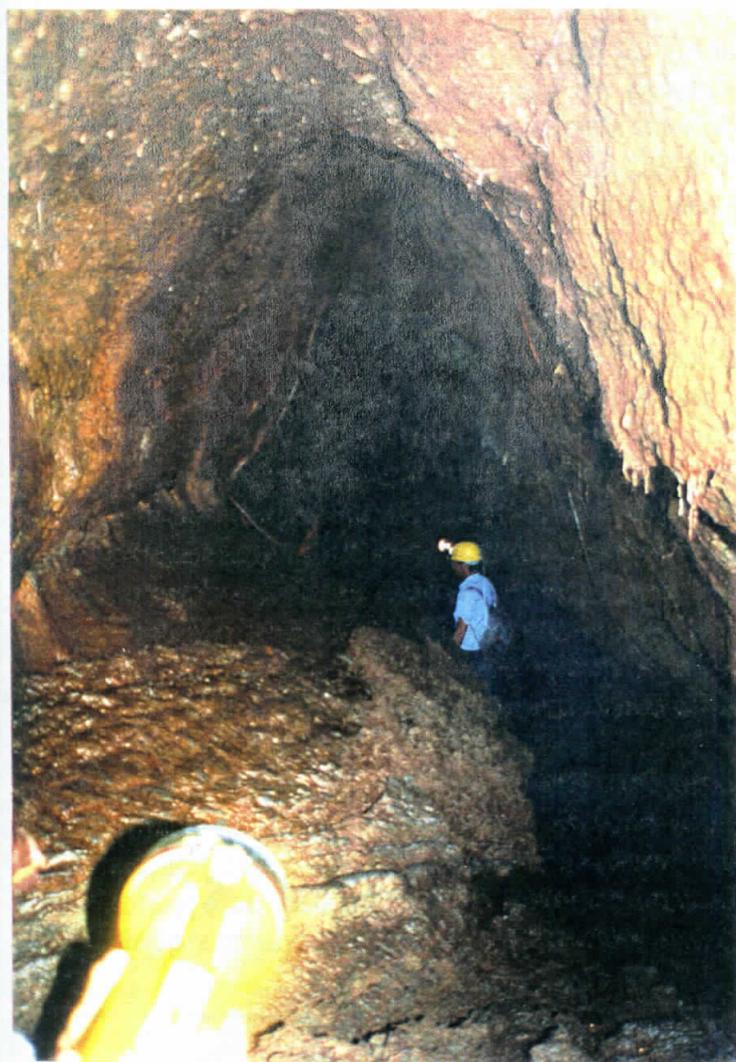


Vários aspectos da Gruta do Gabriel, no Caminho de Cima da freguesia de S. Bárbara das Ribeiras





Alguns aspectos da exploração do Algar dos Túneis, no Caminho de Cima de Santa Bárbara das Ribeiras



Pelas 15H00 do dia 7 terminou a exploração (medição) do Algar dos Túneis, após o que se seguiu em direcção à zona ribeirinha situada entre Santa Cruz e as Pontas Negras e onde vem assinalado no Mapa o "cerrado da gruta". Indagou-se junto de populares sobre se conheciam alguma gruta num cerrado naquela área, ao que todos disseram desconhecer, embora tentando-se de genta da zona. Ficou assim por localizar esta eventual gruta. De regresso às Lajes, passou-se por Santa Cruz e Santa Bárbara, onde se fizeram algumas filmagens e se interrogaram algumas pessoas no sentido de recolher informações. A chegada ao "quartel" verificou-se pelas 17H30, a tempo de dar um mergulho na "piscina do lago", a poucos metros da Escola.

O dia 8, sexta-feira, foi todo dedicado à freguesia da Ribeirinha, primeiramente com a filmagem, medição e fotografia da GRUTA DA TIA ADELAIDE, sítio à Canada da Boavista desta freguesia. É uma gruta com 150m de extensão e, para não variar, com lixo pestilento à entrada, designadamente restos de animais em decomposição.

Da parte da tarde, procedeu-se à topografia, filmagem e fotografia da GRUTA DA RIBEIRA DO FUNDO (B - no mapa), nome derivado da ribeira que tem contígua. É um tubo vulcânico de consideráveis dimensões, cuja descrição será feita num dos próximos números de "Pingo de Lava". Tem como característica principal um acentuado desnível em direcção à costa e são visíveis no pavimento as marcas da abundância de água que por ela corre na estação das chuvas. Como formação específica, tem um estalafilito basáltico gigante (que se pode ver numa das fotos da página central deste nº). Está situada nos terrenos do senhor Joaquim Machado da Silva e durante a exploração fomos acompanhados por seu filho João. A gruta tem 200m de extensão. As explorações terminaram cerca das 16H00.

De regresso às Lajes, passou-se no Ninho da Águia, onde se trocaram alguns cumprimentos com familiares do senhor presidente da Câmara, designadamente sua mãe, sendo tirada uma foto do grupo, e tendo-nos sido oferecida uma bebida e fruta. Depois, passou-se no centro da freguesia da Piedade, onde foi contactado um indivíduo a fim de nos indicar grutas para explorar no dia seguinte (foi-nos proposta uma gruta de... "cortar a respiração").

Então, no dia 9, rumámos para a freguesia da Piedade, onde se chegou às 09H45, concretamente à encosta do Ramal do Calhau, onde os senhores João Alves e Rogério Alves nos indicaram a tal gruta de "cortar a respiração", a qual, após explorada, não passava de um pequena furna de 50m de extensão, chamada a FURNA DA SAPATEIRA (C - no mapa). Tinha algumas pequenas formações e uma muito curiosa: quando o José Maria, o Jorge Silva, o Fernando Pereira e o Paulo Barcelos procediam à exploração da cavidade detectaram no tecto da mesma quatro pingos de lava dispostos em forma de pés de uma mesa, mas aguçados na ponta, sendo os dois primeiros escuros, cor-de-vinho, e os dois restantes alourados, cor-de- cerveja, tendo sido atribuída a esta formação, dadas as suas características, a designação de "pinguços"; de um deles, pingava líquido que ao tocar o solo formava como que uma "esponja".

Depois, rumou-se para o Cais da Piedade, no Ramal do Calhau, a fim de se explorar a FURNA DAS POMBAS (D - no mapa) situada nas arribas da costa, a uma altura inacessível ao homem, pelo que se tornou necessário recorrer ao uso das nossas cordas, por onde desceu o Fernando Pereira, o qual depois lançou a escada de aço por onde treparam os restantes elementos. A furna tem 60m de extensão, metade dos quais restejantes.

A ilha do Pico, assi chamada por um altissimo pico, cujo cume às vezes aparece sobre as nuves, não se sabe certeza de seu descobrimento. Uns dizem que se descobriu nove anos depois de descoberta a ilha do Faial; outros dizem menos, e várias coisas de que não faço menção, por não haver certeza em nenhuma delas, nem do descobridor qual fosse.

Está da ilha Terceira, demorando ao sudoeste, do porto de Angra ao da Calheta de Nesquim, vinte léguas, e dezassete, de terra a terra; outros dizem mais, e menos. É de figura ovada. Tem compridão de até catorze léguas, segundo alguns, e, segundo outros, da ponta do Calhau Gordo, que está a leste, dezoito, até o porto da freiguesia da Madalena, que está pera a banda de loeste, da parte do occidente; e de largura quatro léguas, atravessando a ilha pelo meio da vila das Lagens, que está da banda do sul, passando pelo lugar onde arrebentou o fogo, no cume da serra, até a vila de São Roque, que está da banda do norte, e por outras partes mais.

Do Calhau Gordo, que é uma ponta de rocha de penedia muito grossa, que está ao oriente, caminhando pera o ponente pela banda do sul, corre a rocha baixa, fazendo uma grande baía de calhau grosso, onde em tempo de verão (por ser ali a terra rasa) se carrega muita lenha de pau branco pera queimar e alguma madeira pera carros e arados. Além da baía, indo adiante pela costa, se vai fazendo a rocha mais alta, de terra vermelha, até chegar a uma pequena calheta, chamada a Calheta de Nesquim, que é um porto pequeno, onde somente pode entrar uma caravela de até quinze ou vinte toneladas e se carregam a maior parte das coisas que há na ilha daquela banda do sul, como são gado e madeira de toda sorte, por ser porto de que todo o ano se podem servir, e dista três léguas da ponta da ilha chamada Calhau Gordo.

Da Calheta de Nesquim corre a costa de alta rocha de pedra viva, acompanhada com muito arvoredos; e, logo junto do porto de Nesquim um quarto de légua, está um morro alto de alta rocha com uma ponta ao mar, que se chama o Morro Açam (sic); e, passado ele, está uma rocha mui alta, que chamam Dourada, com uma quebrada no meio a modo de grotta, donde saem muitas refegas de vento, com que se perdem muitos barcos e caravelas que por ali passam, de que já os navegantes estão mui advertidos; e logo mais adiante está um porto de calhau grande, que se chama Santa Cruz, onde há uma freiguesia de Santa Bárbara, de noventa vizinhos, de apelidos Homens, Cardosos e Pereiras, homens ricos e nobres, de que é vigairo António Vieira, na qual há muita quantidade de vinhas, que darão cada ano mil e duzentas pipas de bom vinho. Sai neste porto uma grande ribeira de água doce, de que se não servem senão com baixa-mar, porque com preia-mar se cobre toda da maré e não se descobre a água doce pela terra dentro, porque cada vez é mais baixo o lugar por onde vem pera dentro da mesma terra, e com maré vazia torna a sair coada com alguma doçura, como pelas costas de cada uma destas ilhas saem muitas destas fontes.

Daqui a uma légua, pouco mais ou menos, vai correndo a rocha alta até dar em um alto pico, chamado o pico da Vigia, que está sobre a barra do porto da vila das Lagens, que é mui trabalhosa e perigosa, por ser a entrada em voltas e quebrar o mar muito fora dela, de que se não servem senão quatro meses do ano, Maio, Junho, Julho e Agosto, por ter outro porto, mais adiante um tiro de berço, que se chama o Portinho do Oleiro, com entrada tão estreita, que só cabe um batel de pescar pequeno, mas dentro é espaçoso, com uma grande alagoa de maré, pelo que na enchente, é principalmente na vazante da maré, se toma ali muito pescado de toda sorte, naquela bocca, com redes e tarrafas, pelo qual porto se serve com barcos a vila das Lagens, que é a principal e maior que há na ilha do Pico, de mais de três

léguas de limite, cuja igreja é de três naves, da advocação da Santissima Trindade e cabeça de toda ela, que terá cento e quarenta e cinco fogos, e almas de confissão quinhentas e oitenta e seis, das quais são de comunhão quatrocentas e quarenta e duas, onde foi vigairo o licenciado Gonçalo de Lemos, bom letrado e pregador, e agora é o licenciado Gaspar Fernandes, também pregador e ouvitor, com quatro beneficiados, e vive gente nobre e rica, de nobres apelidos, Madrugas, Lemos, Leais, Crementes (sic) e Gulartes, onde foi capitão de milícia um Pero Tristão Gularte. Há nesta freiguesia muitas vinhas, que vão em muito crescimento, e grandes criações de gado vacum e ovelhum, e algumas cabras, e terras, não muitas, de lavoura de trigo e outros legumes, e muita madeira, que ali se tira do mato. E quase toda é terra fragosa de biscoito, pedraria viva, e não tem mais terra que a que se faz das folhas das árvores, a qual se gasta o primeiro ano que se cultiva, e daí fica em pedra viva se não cria mato que torne a criar terra, como faz com as folhas do mesmo mato, onde há muitas ribeiras secas

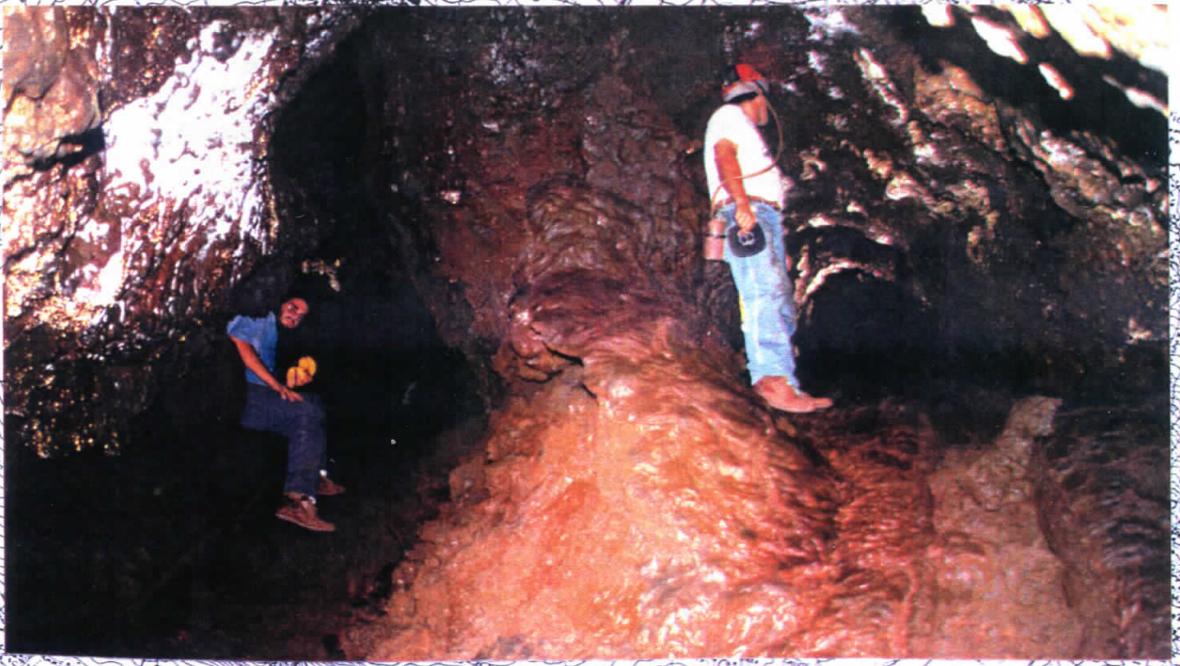
Desta vila das Lagens vai correndo a mesma costa, muito alta, espaço de outra légua e meia, até uma ponta de terra baixa, ao mar, chamada a ponta do Mouro ou de André Roiz, onde se carrega grande quantidade de madeira de toda sorte, pera todas as outras ilhas em caravelas e barcos grandes, deitando-a da rocha em baixo, no mar, donde a colhem os mareantes nos barcos ou caravelas.

Mais adiante meia légua, pouco mais ou menos, de rocha alta, está uma baía, chamada Calheta ou (*) o Calhau do Galeão, por fazer ali um grande galeão, chamado Trindade, um Garcia Gonçalves Madruga, o qual deu em pagamento a el-rei Dom João, terceiro do nome, por certas dividas que lhe devia, e mandou-o deitar ao mar o provedor Francisco de Mesquita. Há neste porto, ao redor dele, seis ou sete vizinhos. Neste lugar da Calheta do Galeão o bispo Dom Manuel de Gouveia, visitando no ano de mil e quinhentos e oitenta e oito, criou uma nova freiguesia, cuja igreja é da advocação de São Mateus, onde há cinquenta e dois fogos, muito espalhados quase quatro léguas por antre matos, e almas de confissão duzentas e onze, das quais são de comunhão cento e cinquenta e três. Serve agora de vigairo João Soares, ainda não confirmado

(...)

Desta baía por diante é a rocha mais alta que há em toda a ilha, chamada a Rocha do Labaçal, que vai correndo mais de uma légua até chegar a uma praia, que chamam da Ribeirinha, de calhau não muito grosso, onde vara um batel, que há naquela freiguesia da Ribeirinha, ou Prainha (*), em uma grande enseada, defronte da qual enseada, menos de um tiro de besta dentro no mar está um ilhéu pequeno, ao qual com bom tempo vão muitos homens a nado e em batéis a folgar e tomar muita soma de cranguejos. A igreja do lugar desta freiguesia da Prainha ou Ribeirinha é da advocação de Nossa Senhora da Ajuda; há nela cento e dez fogos, e almas de confissão quatrocentas e sessenta e cinco, das quais são de comunhão trezentas e catorze; é vigairo Pero Brandão Freire, e tem tesoureiro (*).

Logo adiante um quarto de meia légua está outra baía grande, de calhau grosso, onde às vezes vão batéis e caravelas carregar de madeira e lenha pera queimar. Antre esta baía e o mato, um tiro de besta do mar está na terra um poço de água salobra, de que se serve toda esta freiguesia da Ribeirinha, por ser terra estéril no tempo do verão, e ali vão outros gados a beber, por não terem outro remédio, senão aquele. Dali vai correndo a rocha, de pedra viva toda e não muito alta, até dar na ponta de leste da mesma ilha, que se diz o Calhau Gordo, donde comecei a contar a descrição dela

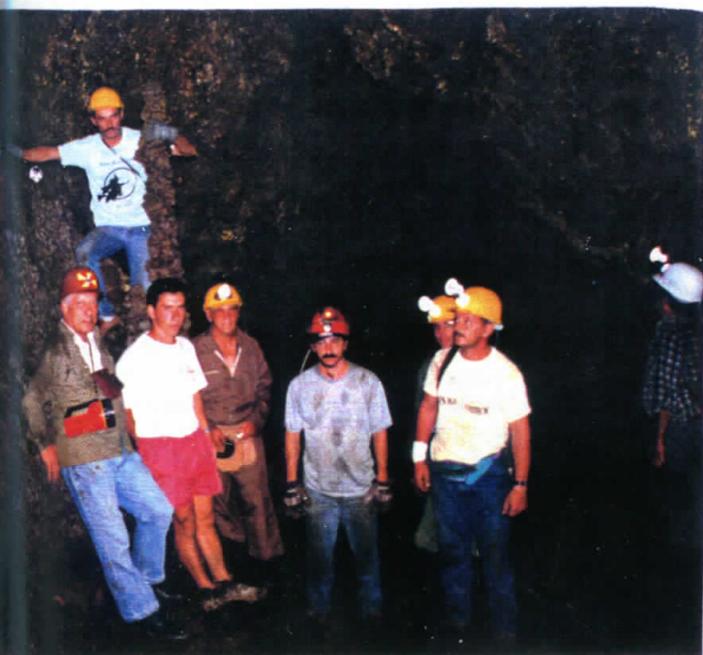
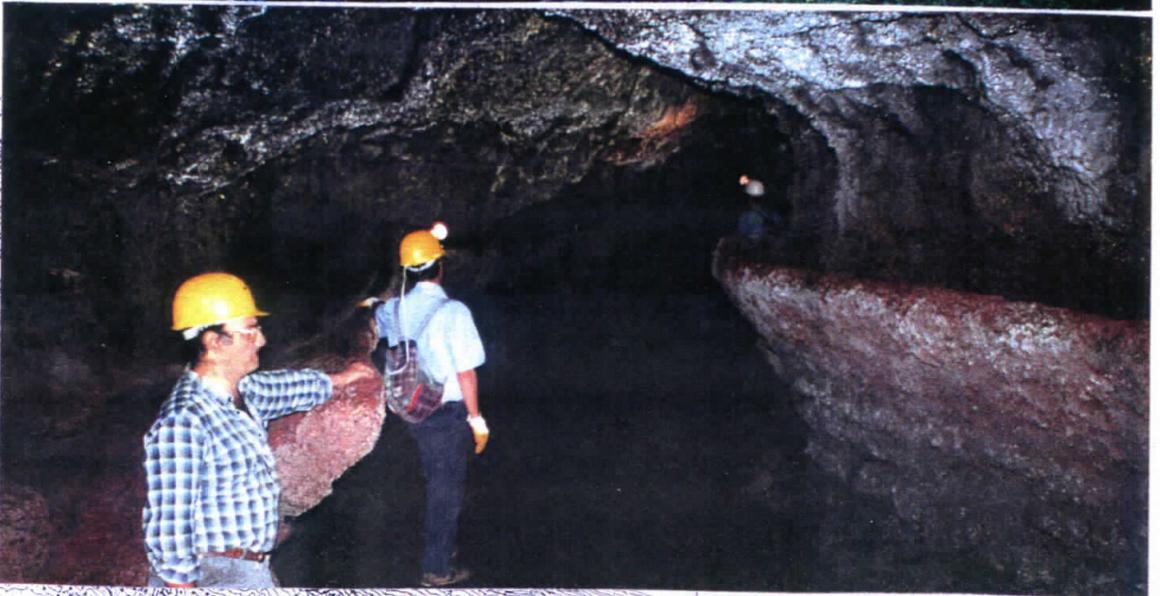
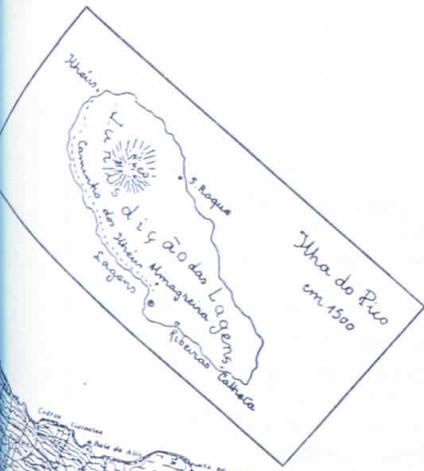


L
J

«O Pico é a mais bela, a mais extraordinária ilha dos mares, duma beleza que só a ela lhe pertence, duma cor admirável e com um estranho poder de atracção. É mais do que uma ilha,—é uma estátua erguida até ao céu e amolada pelo fogo,—é outro Adamastor como o do cabo das Tormentas»
Raul Brandão, «As ilhas Desconhecidas».

H
G





Da ponta do Calhau Gordo, por dentro da terra toda coberta de mato, a meia légua, há uma freguesia de Nossa Senhora da Graça em um lugar, que se diz a Ribeirinha, de noventa fogos, de que é vigairo Gaspar Gonçalves, muito rico de gado e criações de éguas e mulas, onde são capitães da gente de guerra Manuel Castanho e Pero Leal, o Moço, e Bastião Carvalho, da Ribeirinha, homens nobres e abastados, que têm muitas criações de gado cabrum e vacum; e tem muitas terras de pão e pastel. Terá esta freguesia quatro léguas, pera a banda do sul e do norte; e chega até à Calheta de Nesquim, que é seu porto, já dito, onde vivem seis ou sete vizinhos, que bebem de um poço da freguesia de Santa Cruz, que por outro nome se chama as Ribeiras, de que já disse por não haver na ilha do Pico outro caminho por onde se ande senão o que a corre ao redor, ao longo do mar, e outro que vai, da banda do sul, da vila das Lagens pera a vila de São Roque, que está da parte do norte, atravessando-a de uma a outra banda. Indo pelo caminho do concelho a uma légua, está a vila das Lagens, já dita, e dela há (?) caminho, de compridão de três léguas, per umas brenhas e matos de espesso e alto arvoredo, que vai ter ao pé do pico Grande, de que a ilha tomou o nome. E na falda dele há muitas criações de gados de toda sorte, em que está uma pequena ermida de Nossa Senhora que fez um ermitão, onde viveu anos, e depois o levaram dali pera o mosteiro de São Francisco da ilha do Faial; e lá faz santa vida.

(...)

Há por toda esta ilha em redondo muita e grossa madeira de cedro, sanguinho, ginja, pau branco, faias, louros e, sobre toda, a madeira de teixo, somente no Pico, dos teixos que estão sobre a freguesia da vila de São Roque, da banda do norte, légua e meia da dita vila pera dentro da serra, onde se acham paus de teixo muito direitos, que parecem paus de pinho e quase servem pera mastos de caravelas pequenas, e de grossura no pé até palmo, e torno, e palmo e meio, e daí, adelgçando pera cima, pera a ponta, a modo de paus de pinho, e na nascença deles, da semente que deles cai, como semente de tamujo, não parecem senão pinhos. Há troncos destes que acham ainda agora debaixo da terra, de oito e dez palmos de comprido e de três palmos de largo, os quais servem pera escritórios e mesas muito ricas e fasquiaria de escritórios, por ser madeira de muito preço, pela qual razão se não corta, senão com expressa provisão do provedor da Fazenda de Sua Magestade, e do que é avaliada na Alfândega paga o que a colhe ametade ou, de duas távoas, uma pera el-rei, de seus direitos. Afora o rendimento do pastel, rende cada ano a ilha do Pico pera Sua Magestade quatrocentos e trinta e dois mil e novecentos e cinquenta e cinco reis, até o ano de mil e quinhentos e oitenta e três, e por tanto estavam arrendados os dizimos dela.

(...)

Esta ilha do Pico é carecida de águas, maiormente no tempo do verão, porque no inverno se apercebem e provêm de água de chuva em ribeiras secas, correntes que no dito tempo estão tapadas com seves de rama de arvoredos grandes, que cortam pera isso, e coutadas, pera que não entrem bestas dentro nelas, como a ribeira Seca da vila de São Roque, que tem dentro em si grandes concavidades de pedra viva, onde está água das enchentes das chuvas; fica por espaço de muito tempo, que dura e se bebe dela, e em outras partes há poços e água da maré de baixa-mar.

E não há ribeiras correntes, nem fontes, além do que está contado, senão algumas fontinhas pequenas, que nascem nos cumes das serras ásperas, onde se vai buscar alguma pouca de água, que custa muito trabalho por os caminhos

serem fragosos e compridos, às vezes de três léguas, e trabalhosos; e, por esta razão, alguns no mato, e nas partes onde vivem, fazem riscos nos troncos das árvores, cortando-as à roda, como anéis inclinados de uma banda, onde lhe põem por bica uma folha de árvore e, pondo nela umas jarras, cabaças, ou tinhas, se estão enchendo, enquanto chove de dia e de noite, e principalmente fazem isto nos louros, porque acham ser melhor e mais sadia água que outra nenhuma; e há muitos homens que edificam suas moradas, em que vivem, em parte onde há louros, antre os matos, por razão de ali se poderem aperceber de água pera beberem.

(...)

Houve também na mesma ilha, da banda do sul, na vila das Lagens, freguesia do Espírito Santo, um André Roiz, o mais rico de toda a ilha, de que procedeu a geração dos Madrugas, que ali agora são os monarcas. Este André Roiz vivia com muito mais aparato que todos e se carteava com Pedreanes do Canto, que era o principal da ilha Terceira, e com Jos Dutra, capitão do Faial, cada um dos quais, em cada uma das ilhas em que vivia, fazia o que queria.

Há nesta ilha também um André Gonçalves dos Lagidos, feitor de Dona Violante, da ilha Terceira, que deu um ano de dizimo passante de oitenta carneiros e cabritos, e dá cada um ano de dizimo cento e vinte, cento e trinta pedras de lãs. Também há um Belchior Homem, que recolhe cada (sic) novidade de suas vinhas cento até cento e vinte pipas de vinho e faz esta vindima dentro em quinze dias, enchendo primeiro as pipas que lhe parece que pode dar de dizimos.

É toda a terra desta ilha mui áspera e muita parte dela coberta de biscouto, sem ribeira nenhuma que corra, somente três fontes mui pequenas, duas da parte do norte e uma da banda do sul, pela qual causa a gente não bebe senão água da chuva e das árvores, que, quando chove, apanham em cabaças, e também de outra salobra, que das covas, que na areia fazem ao longo do mar, tiram.

Come esta gente muito pouco pão por o não dar a terra; seu principal mantimento é abobras, das quais semeiam muitas, e há homem que recolhe dez, doze mil delas. Usam também de dentabrum, raiz de erva que se parece com feitião, a qual cozida com água salgada comem, e assada também fazem dela pão, cortando-a miúda, e, depois de bem torrada no forno, a moem em atafonas, e, peneirando aquele pó, o amassam e faz, segundo dizem, pão doce. À falta de pão comem também talos de funcho e nabos, que dá a terra muitos, e deles tamanhos como jarras de arroba e de meia arroba, e muitos figos e muito pescado.

A terra é mui forte, porque não se lavra e está folgada antre pedras, e sombra, e, como terra nova, cria muita erva e muita e boa fruta de espinho, e tudo é muito viçoso. Tem muito arvoredo: Cedro, pau branco, louro, faia, tamujo, urzes tão grandes como árvores, sanguinhos, zimbro e folhado, e da banda do norte, como tenho dito, junto da vila de São Roque, se acham teixos, e todas estas árvores têm a raiz à frol da terra, pela qual causa com os ventos caiem muitas. A fruta de espinho é melhor de todas as ilhas. Tem muitos e bons pêssegos, marmelos, maçãs e figos de toda sorte. Em toda a terra há muitas vinhas, que dão bom vinho, e melhor que em todas as ilhas. Tem muito e bom mel, e cera, muito gado, vacas, ovelhas, cabras e porcos, os quais esfolam, e do couro deles fazem sapatos, que não são senão um pedaço de pele que cobre o pé, o qual cozem ou atam com umas correias do mesmo couro, e trazem os cabelos pera dentro ou pera fora, como lhes mais contenta.

Quer a Furna da Sapateira, quer a das Pombas, foram certamente provenientes da base do Cabeço do Carneiro e das lavas que correram em direcção à Ponta do Lagido.

Ainda na tarde desse dia 9, visitou-se o complexo lávico da Manhêna que o Manuel Aguiar já várias vezes nos havia recomendado ver e fotografar e filmar. Ele já não teve, infelizmente, possibilidades de nos acompanhar, devido a ter falecido quinze dias antes desta nossa expedição. Neste dia 9, o Aguiar completaria 54 anos de idade, facto que foi por todos lembrado com saudade.

Ainda na freguesia da Piedade, junto ao Caminho das Faias foi visitada, por indicação popular, a FURNA DAS BARBEIRAS (F - no mapa). Trata-se de uma furna tipo "bolha" com uma única sala de 13,5 X 10m e situada a uma profundidade de 4m, o que motivou o uso da escada.

"Os numerosos derrames que saíram dos vulcões do Planalto da Achada atingiram as costas em vários pontos formando por vezes pequenas rechãs, tais como Prainha de Baixo, Santo Amaro, Adegas, Calhau e Piedade, na costa N, e as de Ribeiras, Calheta de Nesquim e Manhêna, na costa S.

Entre Porto da Baixa, Ponta do Lagido e Cais do Galego (freguesias da Ribeirinha e Piedade), a costa é baixa, formada de derrames basálticos, negros de aspecto moderno.

Junto da costa há que citar, ainda o Castelete Norte, aparelho vulcânico desmantelado.

As lavas da extremidade oriental da ilha saíram da base do Cabeço da Hera, derrames basálticos com plagioclases e envolveram, cobrindo em parte na costa S da ilha a W de Manhêna, o Pico Ruivo (114m) com cratera aberta para SW, bem como outro aparelho mais pequeno e situado a E.

Entre o Pico Ruivo e a Calheta de Nesquim, as escarpas são formadas por derrames basálticos provenientes dos vulcões situados no planalto." (Carta Geológica).

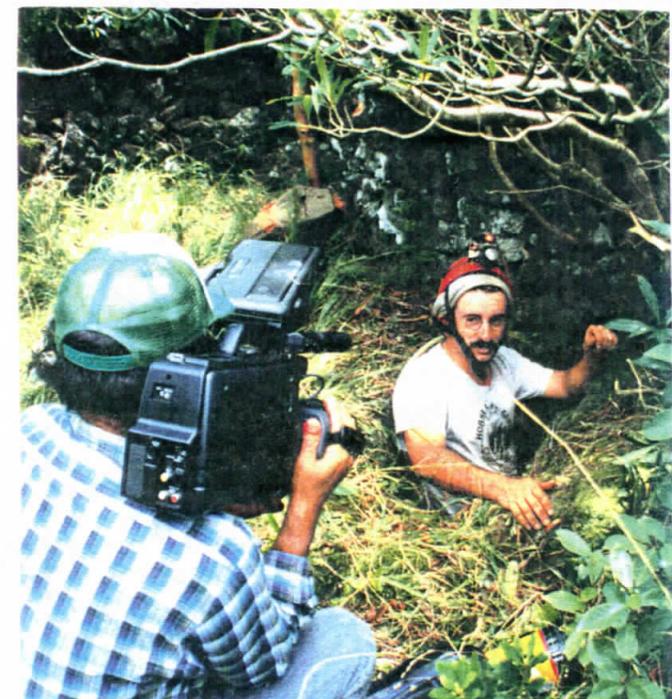
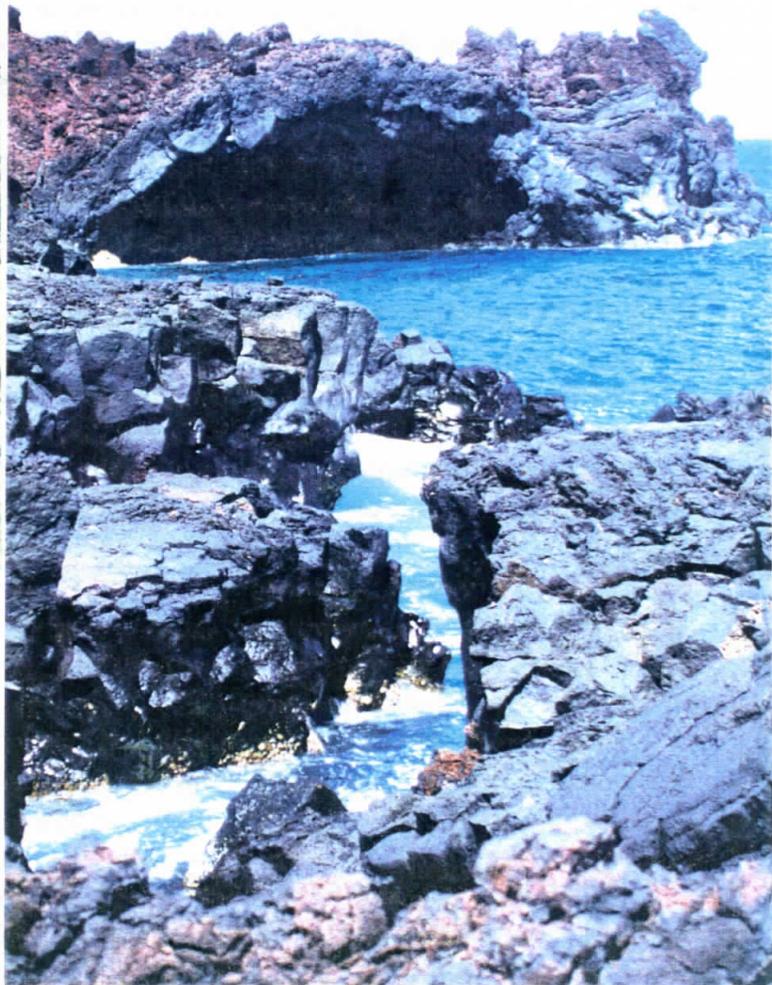
No domingo, dia 10, apenas se fizeram explorações da parte da manhã, e já fora do concelho das Lajes, concretamente em S. Caetano. Foram medidas e fotografadas a FURNA DAS CABRAS I e a FURNA DAS CABRAS II (G e H - no mapa - respectivamente). A primeira tem entrada pelo lado do mar e tem 128m de comprimento; a outra, com entrada a montante (e eventualmente continuação daquela) mede 195m e é muito íngreme, tendo algum interesse, designadamente por possuir muitos cristais de augite, sendo as paredes do tipo da Gruta do Chocolate, na ilha Terceira.

A tarde de domingo foi de descanso, aproveitado para uma volta até à Madalena.

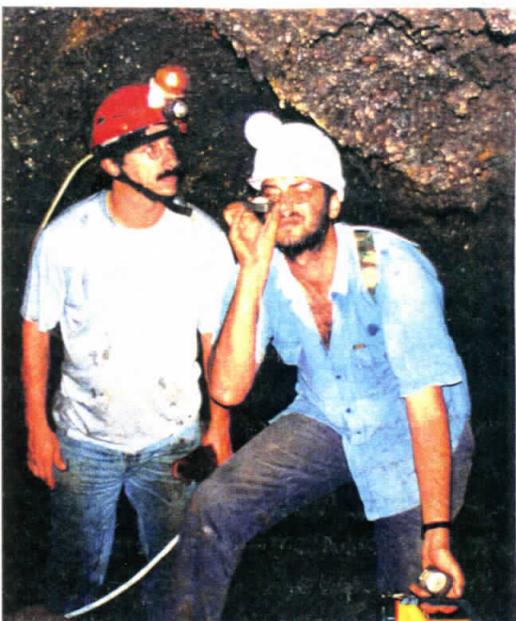
Dia 11, 2ª feira da Serreta, rumámos para o Planalto, onde na zona dos Terreiros da freguesia da Almagreira se vistoriaram 2 cavidades, por indicação do senhor Manuel Humberto Simas (que nos acompanhou), todavia de pouco interesse: a Gruta do Serrado (15m) e o Algar dos Terreiros nos (3m de profundidade e 30 de extensão). Isto da parte da tarde já que, de manhã tentou-se em vão, localizar uma gruta junto do Cabeço do Fogo, que diziam ser de grandes dimensões; ficará para próxima oportunidade.

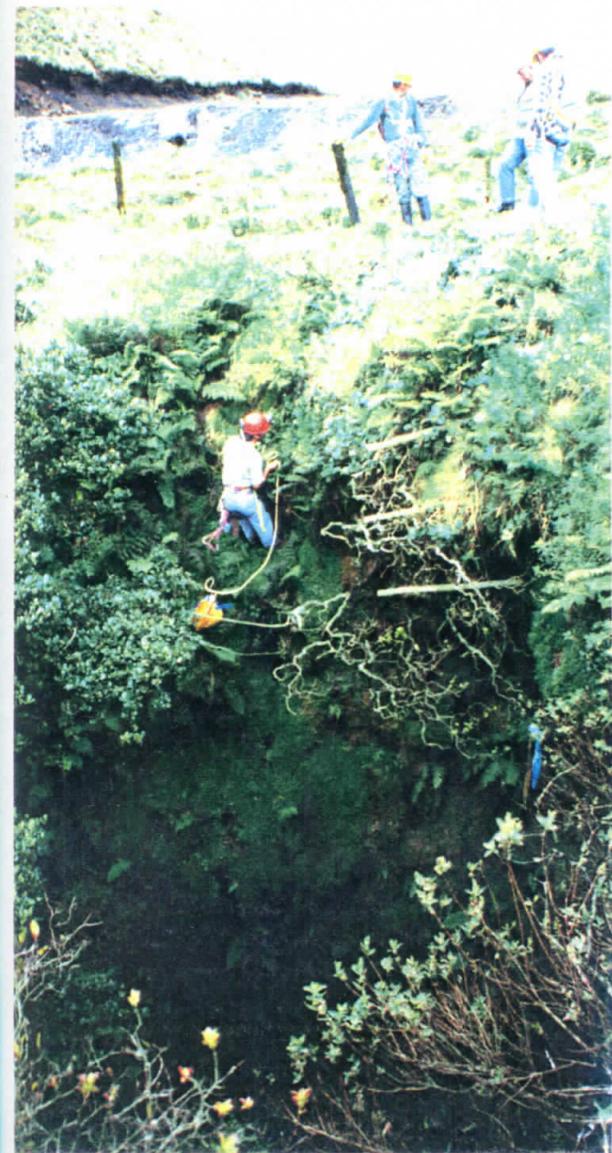
Ainda na tarde do dia 11, procedeu-se, ao que tudo indica pela primeira vez pelo homem, à exploração do ALGAR DOS BURROS (I - no mapa), sito próximo da Lagoa do Peixinho, na Serra da Ponta. Desceram o F. Pereira, J. Duarte e L. Vasconcelos. A profundidade do algar é de 22m (16+6), juntando-se uma gruta para montante com 42m e de grande altura, obstruída cerca da estrada alcatroada que lhe dá acesso.



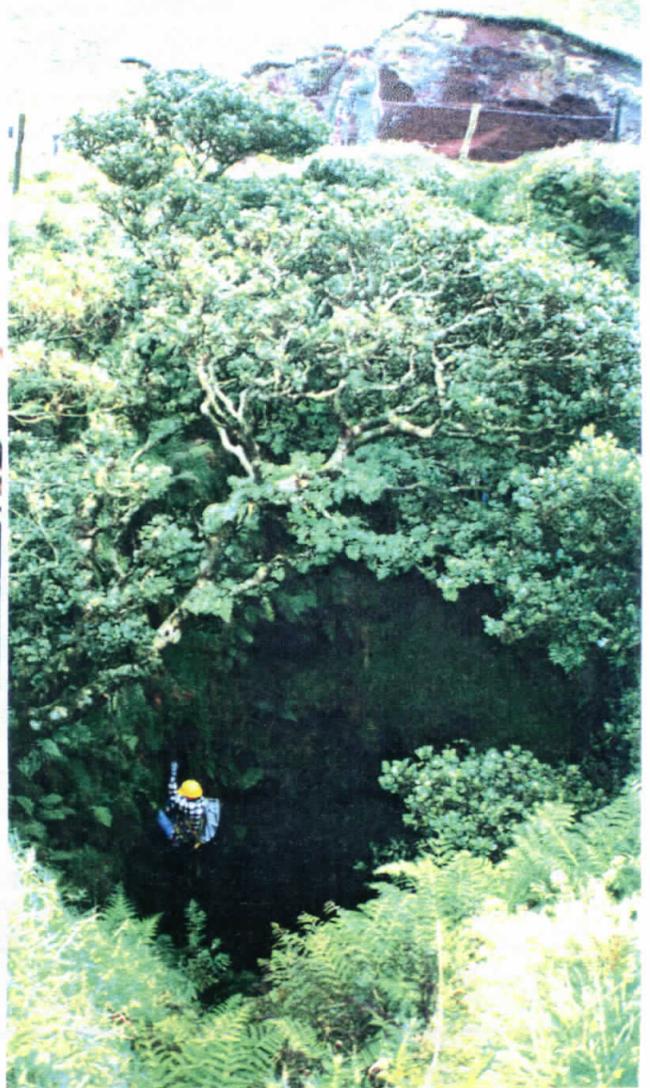


Em cima (à direita) e em baixo: aspectos das lavas da Manhêna. Em cima (à esquerda) e ao lado: na boca do Algar dos Túneis. Em baixo (à esquerda). topografia na Gruta da Ribeira do Fundo, na Ribeirinha





Em cima: um aspecto da Furna da Baliza, em S.Mateus. Em baixo: descendo para o Algar dos Burros, na Ponta da Serra



Em cima: descendo para o Algar dos Burros. Em baixo: um aspecto da Furna da Baliza, na freguesia de S.Mateus



MEMÓRIA D'UMA GRANDE ENCHENTE NA VILLA DAS LAGES
DA ILHA DO PICO;QUE DEU ORIGEM A UM SOLEMNE
VOTO AO BOM JESUS DAS PRECES,QUE AINDA
HOJE SE CUMPRE NO DIA 25 DE MARÇO

Em o dia 14 do mez d'abril do corrente anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1725, em que foi concedido o santo jubileu pelo nosso santissimo Papa Benedicto 12 do nome,com o que cerra o numero de 300 annos de Pontificado,governando este seu Reino o nosso clementissimo Rei o sr D.João V do nome e 21º no numero de nossos inclytos monarchas,sendo ouvidor ecclesiastico nesta Matriz o reverendo beneficiado aposentado Antonio d Avila de Bettencourt e vigario o Padre Mathias Cardoso Machado,guardião no convento de S.Francisco o Padre Fr.Manuel de S.José e capitão mór Manuel Silveira de Bettencourt em um sabado pelo meio dia fazendo a lua quarteirão do primeiro crescente estava o sol no signo de Taurus soprando rijo o vento de su-sueste, cresceu o mar por tal forma furioso que entrou por terra dentro até o adro da Matriz,subindo pelas ruas que entram pela maré e barra,derrubando as paredes de muitas quintaes,e uma casa que existia no canto do Espirito Santo das mais antigas da villa: continuando a terpestade com equal intensidade até o dia 19 com grande prejuizo nos campos e transtorno dos pobres marinheiros.

N'este dia então sahio o reverendo vigario à camara e ao convento de S.Francisco a convidar o senado e aquella comunidade para preces ao que uns e outros gostosamente se prestaram concorrendo prontamente com o povo à igreja Matriz onde se achava patente a veneranda Imagem do Bom Jesus das preces,que na mesma igreja se venera em 1715 por concessão do visitador o reverendo licenciado José Pereira Furtado.

Aberto então o Sacratio e exposto ao povo o Santissimo Sacramento começaram umas devotas preces acompanhadas de lagrimas de verdadeira dor, augmentando-se a afflicção por uma grande vaga de mar que chegou à igreja,constando logo que indo alguns marinheiros acautelar os seus barcos tinham sido muito maltratados pelo mar,ficando um com uma perna quebrada e muito moido,pedindo os Sacramentos,chegando pouco depois um homem a pedir o Sagrado Viatico pera o dito marinheiro, a quem o reverendo vigario logo foi soccorer, acompanhado de toda a imandade do Santissimo Sacramento e collegiada.

Pela tarde augmentou a furia do mar,e comovido o reverendo vigario pelos lamentos de algumas pessoas que corriam à igreja,distinguindo-se entre ellas uma pobre mulher com uma creança de trez mezes ao peito e outra de quatro annos pela mão implorando para elles a misericordia divina, resolveu sahir com a Imagem do Bom Jesus em procissão,para a qual mandou tocar; não se podendo porém ouvir o sino pelo muito vento e estrondo do mar,pegou o mesmo vigario em um crucifixo,e sahio

pela villa acima convocando os povos para a igreja a rogar a Deus entrando na igreja de S. Francisco cuja comunidade estava em exercicio de preces,e continuou até à ermida de S. Sebastião tendo atravessado alem da fortaleza pela ribeira do meio em razão de não poder ahi continuar em direitura pela violencia do mar.

Acompanhado então por grande numero de gente, voltou para a villa encontrando já em S.Francisco a procissão que o reverendo ouvidor fizera sahir trazendo a Imagem do Bom Jesus o reverendo beneficiado Alexandre da Silveira Machado,descalço,prégando na entradao padre Fr. Thomaz de Santo Antonio.

Entre varias demonstrações de penitencia que na procissão se observaram notou-se que ao passar pela bocca da rua do Espirito Santo, voltando o sacerdote a Sacrosanta Imagem ao mar que subia em grande altura,um menino de sete annos prostou-se por terra diante de Christo Crucificado, pedindo misericordia em copiosas lagrimas e expressões de verdadeira compunção,que comoveu todo o concurso e acompanhou sempre a procissão junto à sagrada Imagem com fervorosas e ardentes supplicas.

Chegada a procissão ao extremo da villa e rua que vae para S.Francisco assaltou-a uma tão extraordinaria vaga de mar que derrubara duas casas,que todos julgaram ficavam ali submergidos, e n'esta persuasão todos se prostaram por terra confessando suas culpas e implorando perdão.

Chegada a procissão à igreja de S.Francisco, depois do sermão que fica dito se cantou a Ladainha de Nossa Senhora com a Antiphona =TOTA PULCHRA = e n'esta occasião cresceu o mar por tal forma que bateu no adro da igreja,arrojando ahi uma tabua,foi então que o temor chegou ao maior auge e a submersão da villa se teve por certa e por isso todos receavam voltar para ella.

Prevaleceu contudo o amor dos patrios lares e confiados no auxilio divino,voltaram com a Sagrada Imagem para o seu altar entrando na ermida de Nossa Senhora dos Remedios,e Misericordia, e chegaram à Matriz sem novidade.

Pelas oito horas da noite se ensoberbeceu o mar com maior impeto e chegou ao Pelourinho a distancia de 1900 palmos do porto da maré donde veio.

Continuaram as preces nos dois dias seguintes e tendo em fim serenado o tempo no fim de oito dias,sé celebrou uma solemne missa e Te-Deum em acção de graças a Deus,por nos ter conservado de tão horrivel catastrophe.

E por ser verdade o refferido fiz a presente relação ad perpetuum rei memoriam. Hoje, 11 de Junho de 1725,o vigario Mathias Cardoso Machado.

("HISTORIA DAS QUATRO ILHAS QUE FORMAM O DISTRITO DA HORTA",Vol.III,1871,Doc. nº 10,Antônio L.Silveira Macedo)

Certamente que este ALGAR DOS BURROS foi formado por altura da erupção que formou o Cabeço da Lage (968m) que lhe fica sobranceiro, e que está no prolongamento de vários aparelhos vulcânicos do Planalto da Achada, reunidos num único alinhamento com cerca de 122 crateras (cfr. Carta Geológica), das quais algumas, abertas na superfície dos derrames lávicos, têm o aspecto de crateras de explosão. Algumas crateras são ocupadas por pequenas lagoas (da Rosada, do Ilhéu, do Peixinho).

O dia 12, último dia útil da expedição, e face à ausência de informações sobre cavidades vulcânicas no concelho das Lajes, foi dedicado à freguesia de S. Mateus, tendo sido medidas, filmadas e fotografadas três grutas. Na parte da manhã, próximo do Campo de Futebol, a FURNA DO LEMOS (32m) e a FURNA DA BALIZA (120m) (J - no mapa). de tarde, fez-se o mesmo em relação à FURNA DO OUTEIRO (L - no mapa), sita no local do mesmo nome da freguesia de S. Mateus, conhecido também por "vinha do padre". Embora se trate de uma gruta que não chega a atingir 50m, é todavia bém interessante, dadas as formações que contém designadamente os balcões laterais formados pela corrente lávica.

Nesse mesmo dia 12 ainda se tentou obter mais informações sobre outras cavidades, mas tal não foi possível, designadamente pelo desconhecimento da existência das mesmas por parte da população.

E assim terminaram as explorações da expedição "SPELEOLAJES - 95", mais uma missão de "Os Montanheiros" feita no intuito de inventariar o património vulcano-espeleológico açoreano.

O regresso a Angra verificou-se no dia 13, com partida do Cais do Pico pelas 15H30 e chegada ao Porto das Pipas às 21H00, com passagem pela Calheta de S. Jorge.

Memoria do vulcão que rebentou no logar do Soldão suburbio da villa das Lages do Pico.

Em os 10 dias do mez de julho de 1720, tendo no dia antecedente havido grandes tremores de terra, e observando-se nas nuvens um signal poucas vezes visto, e o encontrarem, ellas impetuosamente umas contra as outras em mudança de vento, pelas nove horas da noite rebentou fogo por cinco boccas no logar do Soldão, suburbio desta villa das Lages do Pico, e por estarem aquella hora todos recolhidos teria havido muita victima a não ser uma mulher que sahindo de casa e sñbindo a um alto e avistou o fogo e gritou. Aquelles povos para se salvarem, o que elles logo fizeram retirando-se todos para esta villa, onde foram protegidos e consolados continuando o fogo a devastar immensas campinas, formando um extenso mysterio, cobrindo em toda a ilha as seáras d'ardentes cinzas que as fizeram seccar, resultando uma grande esterilidade. morrendo muitos animaes suffocados, e andando

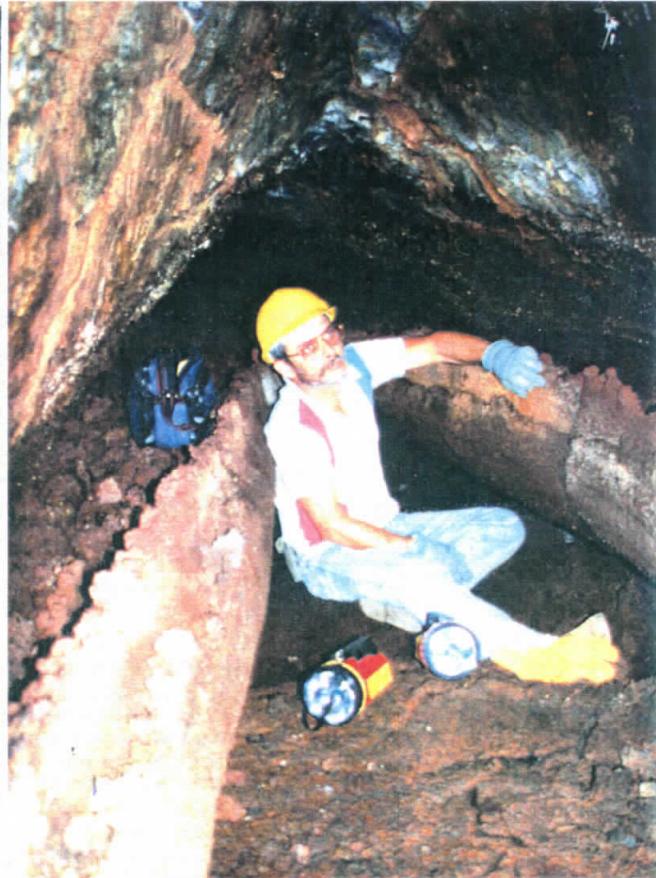
todos atordoados pelos vapores sulphures terminandó finalmente a acção do fogo a 18 de dezenbro do dito anno. De varios captivos remidos o recémchegados, d'Argel a esta villa, pessoas fide-dignas, constou que n'aquelle Reino no 1.º dia de fevereiro de 1718 se sentiram violéntos terremotos, que os povos abandonaram as casas e se retiraram para o deserto, pedindo aos Christãos que rogassem ao seu Deus, que socegasse aquelles tremores. E para tudo constar aos vindouros, tis esta memoria hoje aos 24 d'outubro de 1722. O vigario Mathias Cardoso Machado.

(Extrahida do archivo da Matriz da villa das Lages do Pico, e impresso por A. L. da S. Macedo, na Hist. das Quat. Ilhas, p. 478.)

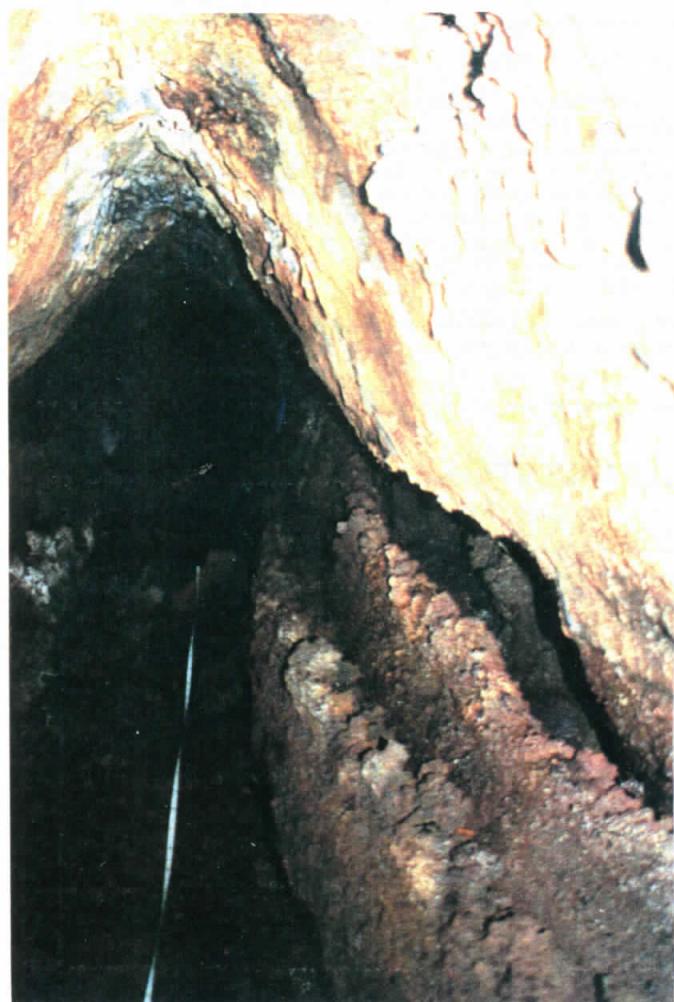
OS NOSSOS AGRADECIMENTOS

Para que se tornasse possível esta expedição "SPELEOLAJES - 95" foram necessários vários apoios de várias entidades, a quem deixamos aqui os nossos agradecimentos:

- Direcção Regional dos Assuntos Culturais e Direcção Regional de Educação Física e Desporto (apoio no transporte marítimo de e para o Cais do Pico);
- Câmara Municipal das Lajes do Pico (transporte para os trabalhos da expedição e não só);
- Conselho Directivo da Escola Secundária das Lajes do Pico (cedência das instalações da Escola para alojamento do nosso pessoal);
- Albino Garcia, pela sua sempre prestimosa colaboração;
- E a todos aqueles que, directa ou indirectamente, contribuíram para o bom êxito desta missão espeleológica.



Vila das Lajes
(vista do Cas-
telete); explo-
ração da Furna
do Outeiro; à
partida para a
Terceira



Milhares de vidas, milhões de dólares de equipamento dependiam da audácia dos—

ESCALADORES DO HAIKU

(Condensado de «*Empire Magazine*») David O. Woodbury

QUANDO visitei as instalações de rádio da Marinha dos Estados Unidos no vulcão Haiku, no Havai, fiquei alarmado—e atônito. O pessoal da Marinha içou-me 600 metros a prumo, numa espécie de balanço, pela face quase vertical da montanha, até o lugar onde estava presa uma extremidade da gigantesca antena de rádio. Como conseguira alguém, indaguei atordoado de mim para comigo, ter subido até ali para fazer o necessário trabalho? Só vim a saber quando a turma da Marinha me desceu de novo à terra.

A HISTÓRIA começou depois da vitoriosa Batalha de Midway, no verão de 1942. O Pacífico começava a abrir-se diante de nós, vasto, talvez conquistável. O comandante-em-chefe da Marinha Americana em Pearl Harbor tinha necessidade de manter contacto pelo rádio com todos os comandos navais, e até mesmo de «falar» com um submarino americano no fundo da Baía de Tóquio, a 4.500 milhas de distância.

Os técnicos de rádio opinaram que o único meio de levar a cabo um empreendimento dessa ordem seria mediante a instalação de um vasto sistema de antenas a uma altura de pelo menos 600 metros do solo. Não seria prático erger tórreres de aço tão altas. A única solução



seria estender os fios entre os cumes de duas montanhas havaianas.

O sítio escolhido ficava a uns 20 quilômetros de Honolulu, no vale de Haiku, um amplo anfiteatro natural, constituído pelas paredes quase verticais de um vulcão extinto, um lado do qual fôra destruído pela erosão. Era preciso duas massas de cimento armado nas extremidades do

anfiteatro e estender cabos através dum abismo de cêrca de 2.400 metros de largura.

Que se soubesse, nenhum homem tinha jamais visitado o cume do Haiku. Talvez ninguém pudesse fazê-lo.

O aparelhador-chefe Ray Cotherman reuniu uma turma de «escala-

dores de grandes alturas» na selva existente na base do penhasco sul e pediu voluntários. Os escaladores são gente curtida. Sua tarefa é escalar penhascos para prender cabos e içar materiais para as turmas de construção que sobem em seguida. A tarefa parecia difícil mas dois homens adiantaram-se imediatamente:

Bill Adams e Louis Otto, ambos veteranos de emprêsas semelhantes. Cotherman disse:

—Não há um só ponto de apoios 600 metros de rocha insegura. Mas vocês têm de subir, rapazes. Temos no máximo três meses para pôr esta estação de rádio a funcionar.

Adams e Otto abriram um caminho através do mato rasteiro até ao sopé da montanha. Aí começaram a subir, cavando, esgaratando a rocha, um pé de cada vez, lado a lado, a fim de evitar que qualquer dos dois fôsse atingido por pedras soltas. A uns 30 metros de altura, o pé de Otto escorregou súbitamente e êle caiu rolando e ressaltando pela face da rocha. Adams ficou paralisado, com a respiração suspensa, precariamente seguro pela ponta dos dedos.

Meia hora depois, Otto, que felizmente apenas sofrera contusões, estava subindo novamente, desta vez trazendo presos ao cinturão alguns espigões de aço, juntamente com um malho e uma corda. Subiu até um ponto imediatamente abaixo de Bill e cravou um espigão na rocha.

—Fique em cima disto! gritou.

Adams deslizou para baixo e descansou o pé no espigão. Suas fôrças estavam a ponto de esgotar-se.

A brincadeira tinha terminado, disse Otto lacônicamente. A verdadeira escalada começava agora. Abriam uma estreita plataforma no rochedo—uma espécie de base de operações para a grande ascensão. Adams encheu de espigões o bôlso, empunhou o martelo e começou a subir. Espichando-se para alcançar o mais acima possível, cravou o espigão na rocha. Otto, que estava atrás dêle com a corda, laçou o espigão e experimentou-o com o próprio pêso. A rocha, embora fôsse apenas uma massa compacta de cinzas vulcânicas, agüentou. Com essa ajuda, Adams içou-se e pôs o pé no espigão. O esforço tinha levado 20 minutos.

Durante todo aquêl dia os dois homens alternaram-se nessa tarefa de arrepiar: um dêles cravando espigões e içando-se penosamente, enquanto o outro seguia uns dois espigões abaixo, cuidava da corda e, como êles admitiram depois, rezavam. Por duas vezes, primeiro um, depois o outro, desceram pela corda até ao vale em baixo para apanhar um novo carregamento de espigões e mais corda. Pelo meio da tarde tinham subido cêrca de 60 metros, por assim dizer a pino. Desceram outra vez, exaustos, mas confiantes.

—Amanhã de manhã pedirei voluntários, disse-lhes Cotherman.

—Não! resmungou Adams. Deixem-nos em paz. Um dêstes dias chegaremos lá!

Durante cinco dias seguidos Adams e Otto subiram palmo a palmo, cravando espigão após espigão, com a corda firmemente amarrada em volta da cintura. Tinham agora ajudantes, que subiam até à plataforma com mais espigões e corda, o que economizava muito tempo. Então, a uma altura de 240 metros, um espigão cedeu sob os pés de Adams, que caiu violentamente sobre os ombros de Otto. O choque deslocou o espigão em que Otto se firmara e os dois homens despencaram. Só o instinto pôde salvá-los. Num esforço desesperado, conseguiram agarrar-se à corda e foram puxados com uma tremenda sacudidela contra a face do rochedo, atordoados, contundidos, mas ainda no mundo dos vivos.

No nono dia, agora já 420 metros acima do vale, os homens desapareceram em meio de densa nuvem, tão espessa que escondia um do outro. Não tinham meios para calcular quanto ainda havia por subir, nem para saber qual a contextura ou a forma da rocha que tinham imediatamente sobre suas cabeças.

Por volta do meio-dia do trigésimo dia, Otto, que trabalhava acima de Adams em meio do nevoeiro, gritou súbitamente:

—Olá! Há uma moita aqui em cima!

Adams respondeu, mas seu companheiro não deu sinal de ter ouvido. Adams gritou mais. Continuou sem resposta. Alarmado, alçou-se rapidamente. Seu rosto mergulhou na aspreza da moita. Estendeu os braços para passar além. Mas não havia «além». A montanha tinha acabado. Tinham chegado ao cume!

Mas onde estava Otto? No denso nevoeiro, Adams pôs-se a rastejar em círculo, Tateando a vegetação. Podia ser que Otto se tivesse ferido e jazesse por terra, inconsciente. Adams ergueu-se e berrou:

—Louis! Onde está você?

O vento gelado e úmido desviou a sua voz. Chamou mais e mais. Não obteve resposta. Agarrando a corda, começou a segui-la. Louis devia estar na extremidade dela.

O que lhe salvou a vida, e a de Otto também, foi que o mato era tão intrincado e espesso no alto da montanha, que êle não podia correr, tinha de arrastar-se. Avançou assim

acompanhando a corda, até que ouviu um chamado distante:

—Bill! Bill!

Vinha da sua frente, mas de muito longe. Que teria feito o idiota?

Súbitamente, compreendeu. Quando êle avançara de gatinhas por entre as moitas, de repente faltara-lhe o apoio debaixo das mãos. Encontrou-se estendido no chão com a cabeça e os ombros projetados sobre outra escarpa, que caía verticalmente e se perdia em meio ao nevoeiro remoinhante. A montanha, ali, tinha menos de 3 metros de largura! Ao chegar ao cimo, Otto erguera-se, dera alguns passos e projetara-se pelo abismo.

Onde estava agora?

Nisso a massa de nuvens afastou-se súbitamente. Um sol brilhante banhou a crista afiada do monte, expondo à vista as duas escarpas, numa profundidade de centenas de metros. Adams avistou seu companheiro prostrado uns 20 metros abaixo, enleado nas moitas que cobriam uma pequena saliência de rocha.

Otto viu-o e acenou com a mão.

—Salve! disse. Subirei a tempo para o almoço!

Para um escalador de grandes alturas, o resto era uma questão de rotina: descer uma corda para Otto passar em volta da cintura e puxar com tôda a fôrça para auxiliá-lo a grimpar até ao cume.

As nuvens que envolviam o Haiku dissiparam-se completamente. Abaixo dêles estendia-se o vale verde, seguindo na direção do azul-turquesa brilhante do mar. Mais ao longe, o arrecife descrescia uma linha curva de um branco intenso ao longo da costa.

—Parece um mapa, hein? disse Otto maravilhado. É como se estivéssemos no céu olhando cá para baixo.

—Por pouco você não foi para-lá, respondeu Adams. Não fôsse a sua sorte maluca...

Sorte ou não, o certo é que a Marinha montou a sua estação de rádio dentro de três meses. O resto do trabalho—estender cabos para a instalação de um elevador destinado a transportar os materiais até ao alto da montanha—foi relativamente fácil. Milhares de vidas e inumeráveis milhões de equipamento, no Pacífico, dependiam da rádio de Haiku, que não existiria não fôsem os nervos de aço dos dois escaladores de grandes altitudes.

"INTERRUPÇÃO"

O dia 11 de junho era o dia aprazado inicialmente para a realização da última caminhada do programa "TRILHOS d'ILHA-95" antes do Verão. Todavia, um denso nevoeiro sobre a Serra de Santa Bárbara e sobre quase todo o interior da ilha, inviabilizou o passeio nesse dia.

O mesmo ficaria adiado para o dia 15 imediato, feriado nacional; contudo, as condições adversas do tempo mantiveram-se e, como nos domingos imediatos estariam a decorrer as Festas Sanjoaninas (que, normalmente, afastariam as pessoas que se costumam integrar nestes passeios), a caminhada ficou marcada para o dia 2 de julho.

E não se pode dizer que "à 3ª foi de vez", já que o tempo fez novamente negações e a caminhada foi novamente cancelada.

A 4ª tentativa verificou-se a 9 de Julho, um domingo que prometia já que, na véspera tinha havido bom tempo. Todavia, a Serra de Santa Bárbara amanheceu totalmente envolta em denso e escuro nevoeiro. Porque se haviam concentrado 25 pessoas, ansiosas por darem uma boa caminhada, pelas 10H00 rumou-se em caravana-auto para o cimo da Serra, onde se chegou não apenas com intenso nevoeiro como também com muito vento e chuva. Fazer uma caminhada naquelas circunstâncias era desaconselhável, optando-se por uma alternativa; uma vez que do grupo fazia parte um casal de espeleólogos suecos de renome, decidiu-se fazer um pequeno passeio na área da Gruta dos Balcões e da Malha, que foram visitadas pelos participantes; nesta área não chovia e até fazia um "olhinho" de sol. Todavia, a passeata foi curta e... apenas para compensar, já que os atractivos eram poucos e já do conhecimento da grande maioria daqueles que estavam inscritos, os quais até nem estavam preparados para andar em grutas. Ainda não eram 16H00 quando tudo terminou, apesar de ter começado já cerca das 12H00.

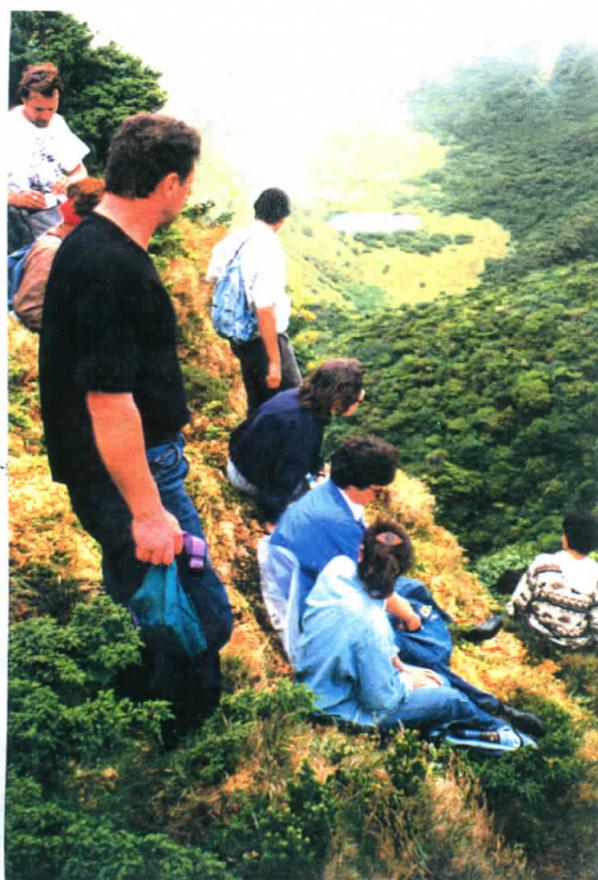
Ficou então aprazada nova data para o passeio: seria a 16 ou 17 de Julho, sábado ou domingo seguintes, consoante o estado do tempo. Mas, por incrível que pareça, tanto no sábado como no domingo não foi possível realizar o passeio pelos mesmos motivos de anteriormente. Gorava-se, assim, a 6ª tentativa.

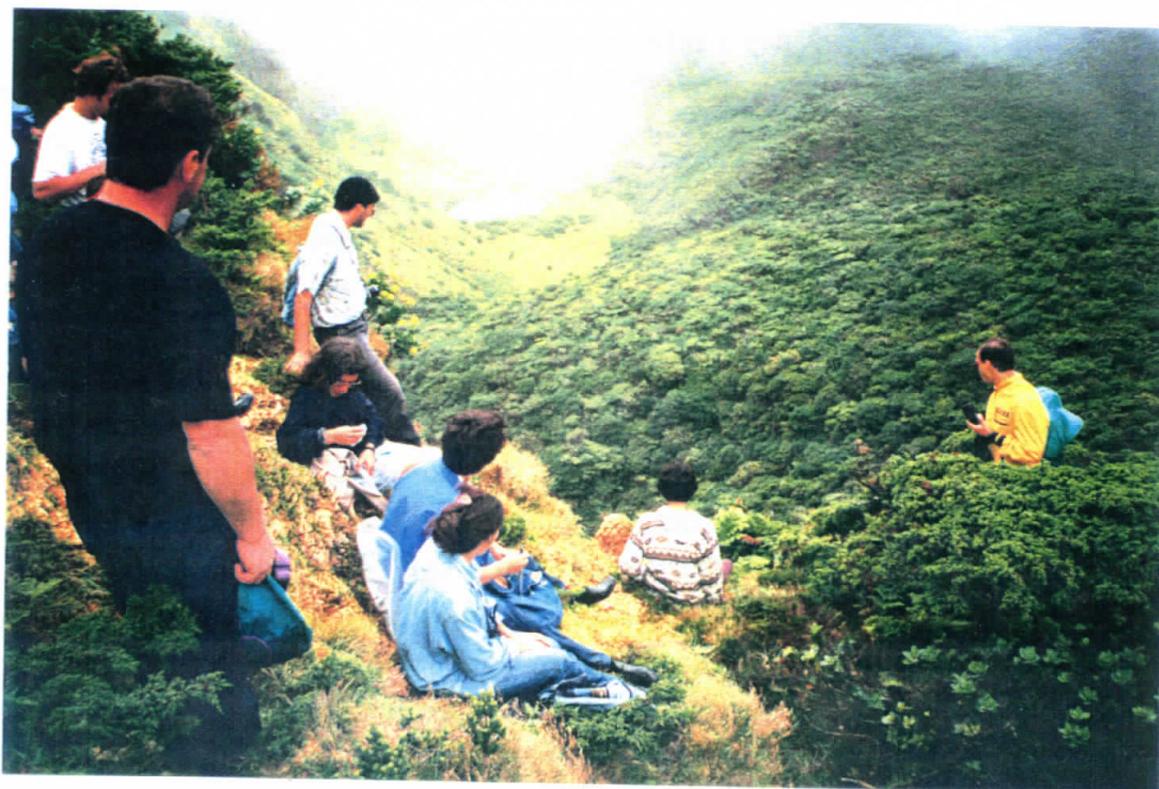
Finalmente, à 7ª tentativa, no dia 22 de Julho, um sábado, embora a Serra, vista de Angra do Heroísmo não apresentasse um aspecto muito convidativo, sempre se conseguiu realizar a caminhada, embora com algum atraso na partida da cidade, já que houve dificuldades nos transportes. Novamente se teve que recorrer a um táxi, a expensas de "Os Montanheiros", para a ajuda do transporte dos 20 participantes no passeio.

Assim, no sábado, dia 22 de Julho, já eram 10H30 quando a caravana rumou "aos bochechos" para a Serra de Santa Bárbara, onde havia algum nevoeiro, todavia não impe-



Em cima:
Os caminhantes junto à entrada do túnel
da "Mina Grande" e depois dentro deste;
em baixo: no alto da Serra das Doze;
à esquerda: na berma da Caldeira da Serra
de Santa Bárbara.





Na berma da Caldeira; ao fundo a Lagoa Joanina

"AGUA POTAVEL, CHAFARISES E RESERVATORIO

N'esta freguezia (Santa Bárbara) foi sempre mui sensivel a falta d'aguas nativas.
(...)

Com uma população sempre crescente, mais sensivel era a falta d'agua; por isso por parte da junta de parochia se iniciaram alguns trabalhos em escavações não só no campo baldio do mato, denominado a Fonte de Philippe Cota, mas sem resultado algum favoravel, como tambem na mina das seis, onde anteriormente já se tinha trabalhado, mas sempre com pouca vantagem, por estes motivos por parte da mesma junta se construiu em 1854 e 1855 um grande poço, junto da ribeira das Sete, em que se gastou a importancia de quasi cem mil reis, o qual serviu d'alguma utilidade mas que depois foi entulhado pela variante da estrada real, que d'alli se dirigia à ribeira das Oito.

Com tanto trabalho e despesa pouco melhorou esta freguezia no que diz respeito a aguas potaveis, dando o mesmo resultado a agua do Reguinho no cimo da serra, que em 1863 foi canalizada, com o fim d'abastecer as freguezias d'Oeste, mas de que ficou gosando só a freguezia das Doze Ribeiras, tendo concorrido para aquelle melhoramento muitos visinhos d'esta freguezia de Santa Barbara, com seus trabalhos na valla, e conducção de materiaes, e a junta de parochia da mesma com a quantia de cem mil reis!...

Quando em 30 d'agosto de 1863 se inaugurou aquelle melhoramento nas Doze Ribeiras, parte dos materiaes n'elle empregados ficou em debito aos fornecedores, por isso da comissão central não havia mais que esperar.

Recorreu-se então ao estado; e o governo, attendendo as instantes representações dos povos d'esta e demais freguezias d'Oeste até S. Matheus, mandou proceder aos respectivos trabalhos. Estes começaram em 1867, e continuaram em 1868, abriu-se uma valla na serra em direcção ao POÇO NEGRO, que fica detraz da mesma serra, as suas aguas porém no estio escasseavam consideravelmente chegando quasi a desaparecer durante as grandes estiagens. Por este motivo se encetaram novos trabalhos para a canalisação da AGUA DA CALDEIRA, que tambem fica detraz da mesma serra, e que n'ella se via correr, sendo preciso fazer-se uma valla profunda, e no mesmo alto da serra um aqueduto subterraneo por onde, em nivel inferior, se podesse aproveitar a dita agua, cuja canalisação em seguida se effectuou até se juntar com a do POÇO NEGRO, no encanamento que d'alli se estende até ao Terreiro da freguezia de S. Matheus.

(...)"

(in "Notas do vigario José Alves da Silva à 2ª edição, 1891, da TOPOGRAPHIA do Padre Jeronimo Emiliano d'Andrade)

ditivo de se realizar o percurso, até porque o tempo prometia melhoria e havia completa ausência de chuva, apenas fazia um pouco de vento.

Deu-se início à caminhada pelas 11H30 em direcção ao marco geodésico da Serra das Doze, pelo "Trilho das Canas" (uma zona de muito baixa vegetação no cimo da Serra, assinalada por canas espetadas no solo, daí a designação).

Após cerca de 1 hora de caminhada, atingiu-se a MINA PEQUENA e, logo depois, a MINA GRANDE (Ver Caixa), ambas visitadas pelos participantes, que almoçaram junto à entrada a poente desta última.

Depois do almoço e, felizmente com tempo razoável, rumou-se para a berma da Caldeira, para o local onde está situada a entrada a NE da Mina Grande, também visitada.

Do alto da berma da cratera, foi possível avistar a Lagoa Negra (sem pingo de água) e todo o majestático rochedo que a envolve, tudo zona de reserva integral e, assim, interdita (?) por determinação de quem para tal tem competência.

O ponto de interrogação acima tem a sua razão de ser: é que, quando nos preparávamos para abandonar o local, o olho de lince do Alfredo Moniz avistou alguns caçadores nas margens da Lagoa Negra, calcorreando a área em busca de presas (coelhos, ao que supomos). Afinal, em que ficamos? Não se pode ali passear, mas já caçar é possível? Que resposta quem superintende na matéria! A lei deve ser igual para todos!

Sempre pelo alto da berma da Caldeira, rumámos em direcção à Antena TV, através de um trilho antigo (e que faz ligação ao Atalho dos Cabreiros). A determinada altura, pudemos observar toda a beleza da floresta tropical que ocupa o interior da cratera, rodeando a Lagoa Joanina, a qual parecia com menos água do que é habitual; a vegetação, contudo, era luxuriante.

Após breve paragem para se tirarem algumas fotos, continuou-se a caminhada, sempre pela berma da Caldeira, e agora em trilho recentemente aberto, até deixar de se avistar a Lagoa Funda, altura em que se atalhou para a Antena TV, ladeando a pequena caldeira de afundimento que separa o alto da Serra da grande Caldeira.

A parte final do percurso metia uma rampa de acentuada inclinação, o que provocou alguma penosidade em alguns participantes menos habituados ou, porventura, com mais dificuldades nas subidas.

Este foi um passeio que se poderia apelidar de internacional, já que havia alguns estrangeiros incluídos, pelo que foi muito falada a língua de Shakespeare, em que o Adam Casinha (em versão americana) estava como peixe na água.

A chegada à Antena TV verificou-se cerca das 16H00, hora programada para o terminus do passeio que INTERROMPE o programa "Trilhos d'Iilha-95" até 24 de Setembro.

PARTICIPANTES

ADAM CASINHA - ALFREDO MONIZ - ANA FERNANDES - ANABELA MARTINS - ELISABETE FANFA
- FERNANDA MATEUS - HOLLY CURSIO - JASON SMITH - JOSE MARIA - LUIS PIMENTEL - MARIA
MENDES - MARIA GIAO - MADALENA SILVA - ODÍLIA TEIXEIRA - ORLANDO PINTO - PAULO BAR-
CELOS - ROCK DUSAC - SUSANA MEDEIROS - VICTOR BETTENCOURT

A MINA GRANDE E A MINA PEQUENA

Em 5 e 6 de Junho de 1995, dias do Espírito Santo, uma equipa de "OS MONTANHEIROS" (composta por Fernando Pereira, Luis Vasconcelos, Filipe Silveira, Adam Casinha, Paulo Barcelos e por mim próprio) fez um reconhecimento na Serra de Santa Bárbara e no alto da Serra das Doze, na tentativa de se encontrar a entrada a oeste do aqueduto referido na TOPOGRAFIA do Padre Jerónimo E. Andrade, de 1891.

Após aturada procura, lá se conseguiu encontrar a entrada oeste do aqueduto (MINA GRANDE), próximo da qual existe também um túnel subterrâneo mais pequeno (MINA PEQUENA).

A MINA PEQUENA tem 41,5 metros de comprimento, por 1 metro de largura e 2 metros de altura; as portas de entrada são trabalhadas em cantaria, tendo uma delas 1 metro de altura por 50 cm de largura, e a outra 80x80 cm.

A MINA GRANDE tem 315 metros de comprimento até se encontrar entulhada por desabamento do tecto, isto na direcção W-NE. A entrada a NE, na Caldeira, prolonga-se apenas por 13 metros, até encontrar o referido desabamento, cujo comprimento se desconhece por enquanto, mas não deverá ter mais de vinte metros.

A altura da Mina Grande varia entre 1,80 metros e 2,50, e em toda a extensão a largura é de 1 metro.

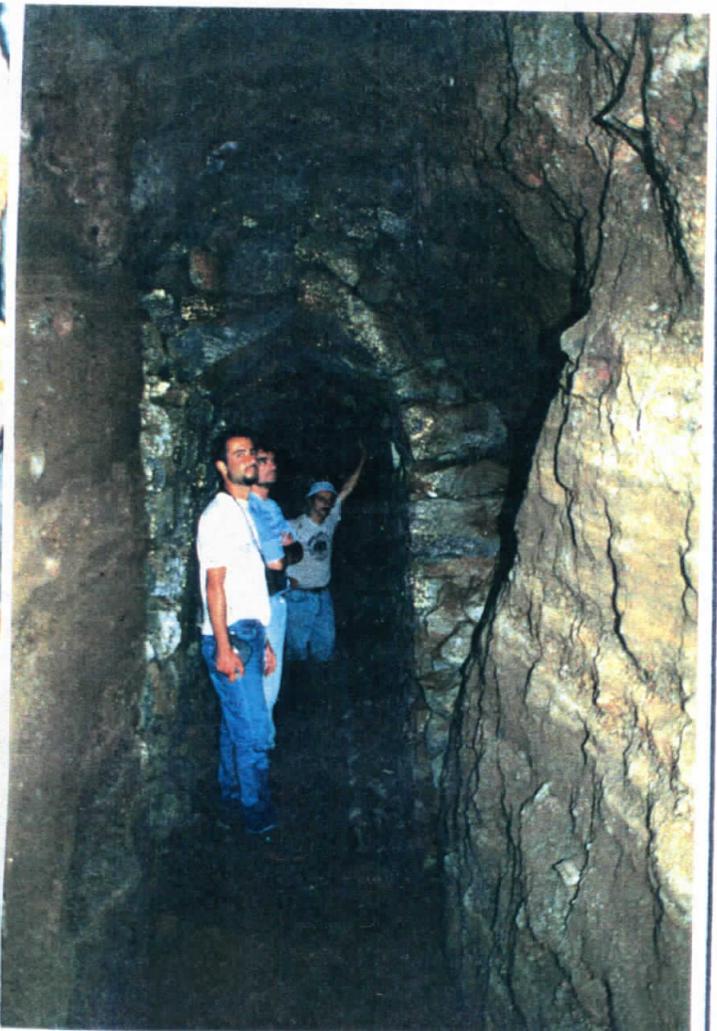
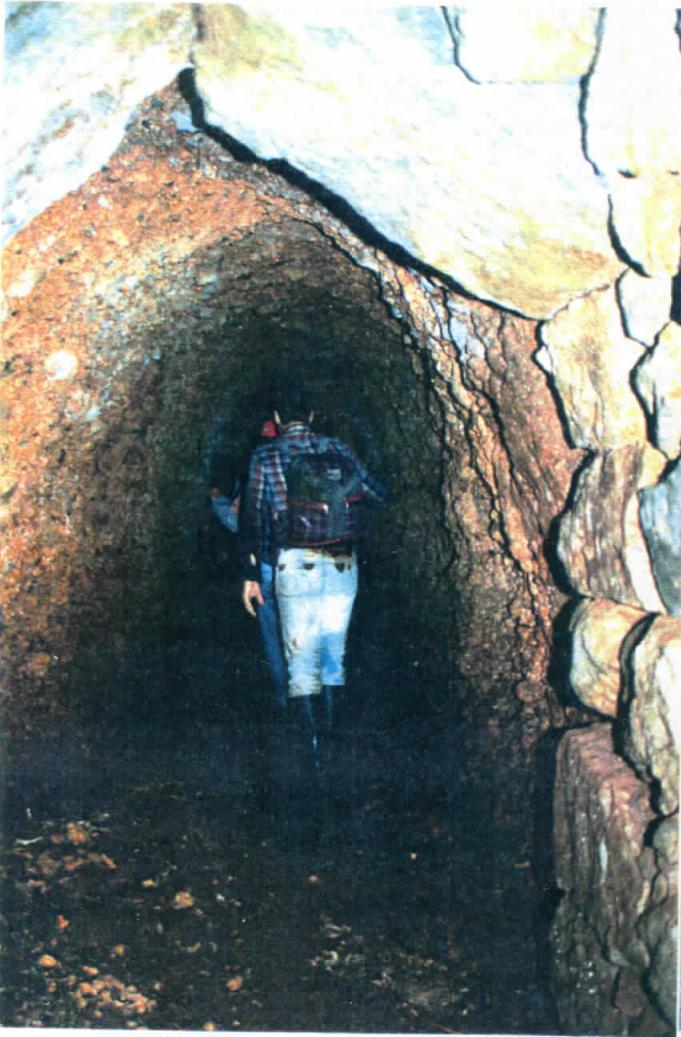
A entrada a oeste (numa das grotas onde se inicia a Ribeira do Além) tem gravada na cantaria do portal a data de 1871, possivelmente aquela em que a obra ficou concluída. Esta entrada tem 1,20m de altura por 70 cm de largura; as paredes laterais a seguir à entrada são cobertas de pedra e o tecto é "travado" com pedras maiores em forma triangular, até uma extensão de 2,5 metros, tal qual como acontece com a entrada do lado da Caldeira.

Mas, na sua quase totalidade, o aqueduto está tal como foi aberto, sendo o tecto (abobadado) e paredes em bagacina (isto numa extensão de 237m a partir de oeste; os restantes 76,5m são em pedra e em cantaria, tal como no início do túnel, e até ao desabamento).

A uma distância de 165m da entrada oeste existe uma caixa de captação de água, e 5m mais adiante vê-se um buraco no tecto em forma de funil, com cerca de 8 a 9 metros de altura, tapado com grande laje(?) no cima, por onde certamente se fazia a extracção da bagacina quando se escavou o aqueduto.

Esta MINA GRANDE foi aberta na sua quase totalidade em linha recta; apenas aos 268m, contados evidentemente a partir de oeste, faz uma pequena curva (do dipo S aberto), deixando-se então de ...ver a luz ao fundo do túnel!

JOSE MARIA



**Civismo,
onde estás tu?!..**

- H. Fernandes

Portugal é um país onde a educação, nomeadamente a cívica, sempre andou - e agora ainda mais - pelas ruas da amargura, o que é muito triste.

Vejam-se as paredes riscadas, os papeis, as pontas de cigarro (beatas), os fósforos queimados, as garrafas de cervejas e as embalagens de outros refrigerantes espalhados por essas ruas da cidade!!... Repare-se também nas pessoas que, em grupo, estacionam nos passeios, conversando e impedindo a passagem aos peões que, afadigados, mais não pretendem do que continuar o seu caminho. E, o que é mais notório, tais grupos não fazem o mínimo gesto para dar passagem aos que pretendem continuar a sua marcha e quando estes pedem licença para seguir, ainda recebem, quantas vezes, respostas desabridas ou até inconvenientes. É ver também os parzinhos que circulam, em atitudes pouco próprias ou mesmo incivis, por essas ruas ou espalhados pelos bancos do Jardim Duque da Terceira ou da estrada que conduz ao Cais da Figueirinha, atitudes essas mais censuráveis nelas pela sua permissividade. São também notórios os estragos causados em automóveis estacionados, em candeeiros de iluminação pública, ou em monumentos, grandes ou pequenos, mas comemorativos de factos ou efemérides que se pretendem perpetuados; e se nestes houver letras metálicas, não sei qual a satisfação que os vândalos à solta sentem ao arrancá-las! Tudo parece indicar que é só o prazer selvagem de destruir o que, para eles, não tem, por desconhecimento ou por insensibilidade, qualquer significado.

E já agora lembremos os assaltos constantes à propriedade privada ou a pessoas, por vezes em público, o que trás a população em permanente sobressalto face à falta de segurança que hoje em dia se verifica!!... E que dizer também daqueles que, em bandos e a altas horas da noite, saídos, já bem atestados, de tascas, pubs ou outros lugares semelhantes, fazem uma tal algazarra sem respeito nem consideração pelos que descançam depois de um dia de estafante trabalho?!... E não há, hoje em dia, quem ponha cobro a tais desacatos!!...

E já não falamos das tentativas, umas falhadas, outras bem sucedidas, de arrombamento do portão de acesso ao Algar de Carvão, jóia preciosa da Terceira, que é necessário preservar a todo o custo, por a sua situação não permitir uma vigilância eficaz. Recordam-se de haver sido derrubado, há já tempos, o monumento que "Os Montanheiros" erigiram no início da estrada que dá acesso ao citado Algar?!... Pois

E já não falamos das tentativas, umas falhadas, outras bem sucedidas, de arrombamento do portão de acesso ao Algar de Carvão, jóia preciosa da Terceira, que é necessário preservar a todo o custo, por a sua situação não permitir uma vigilância eficaz. Recordam-se de haver sido derrubado, há já tempos, o monumento que "Os Montanheiros" erigiram no início da estrada que dá acesso ao citado Algar?!... Pois agora, segundo o n.º 31 do boletim informativo editado por aquela Sociedade de Exploração Espeleológica e designado por "Pingo de Lava", foram assentes, em alguns pontos das estradas interiores da ilha sinais indicativos do caminho a seguir por quem deseje visitar aquela tão bela como imponente jóia natural, sinais esses constituídos por "um homem de cimento "vestido" de amarelo e de boné encarnado". Pois, senhores, não tardou que um deles fosse logo derrubado e podemos ter a certeza de que outros se seguirão, uma vez que os selvagens que por aí pululam só por um mero acaso serão apanhados em... flagrante...

agora, segundo o n.º 31 do boletim informativo editado por aquela Sociedade de Exploração Espeleológica e designado por "Pingo de Lava", foram assentes, em alguns pontos das estradas interiores da ilha sinais indicativos do caminho a seguir por quem deseje visitar aquela tão bela como imponente jóia natural, sinais esses constituídos por "um homem de cimento "vestido" de amarelo e de boné encarnado". Pois, senhores, não tardou que um deles fosse logo derrubado e podemos ter a certeza de que outros se seguirão, uma vez que os selvagens que por aí pululam só por um mero acaso serão apanhados em... flagrante...

Isto é simplesmente de estarrecer, meus Senhores!!! E foi num país em que grande parte da sua população é pouco menos do que analfabeta e impreparada moral, intelectual social e civicamente, que se implantou, em 25 de Abril de 1974, a democracia, cujo significado a maioria desconhece!...

Que juízo farão dos Açores os turistas mais observadores, muitos dos quais conhecedores de outros países onde o civismo é a nota predominante?!...

Ao chegar a este ponto não posso deixar de referir Singapura, notável pelas suas belezas, pela sua fauna e flora encantadoras e onde os arruamentos se encontram impecavelmente asseados, os jardins e outras

zonas verdes não dão indícios de tratos selvagens como os que aqui se verificam. Isto porquê? Porque há mais educação cívica, há respeito pelos bons e são costumes, há, enfim, boa educação em todos os sentidos.

Poderão dizer-me que, uma vez que ali existe pena de morte, com a qual também não concordo, que o regime que ali vigora não é democrático. Aceitemos que assim seja, mas a verdade é que a democracia só deve ser implantada, em qualquer país, depois de asseguradas as condições necessárias ao bom funcionamento da mesma em favor das respectivas colectividades, o que implica, necessariamente, um relativamente elevado grau de instrução, de civismo e de perfeito conhecimento do significado daquela palavra, o que, entre nós, ainda hoje não acontece, pois passou-se, de repente, de um extremo ao outro.

Eis, em resumo, algumas das graves situações criadas pela falta de vigilância policial aliada à falta de sentido de liberdade, por desconhecimento do verdadeiro significado da palavra democracia, pela falta de instrução e de educação cívica, pela falta de justiça social e de segurança a todos os níveis e isto para já não falar no muitíssimo benigno Código Penal vigente.

Angra, 29/05/95.

VIDA SOCIAL

Dia 23 de Julho de 1995. Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Guadalupe da Aqualva. Quinze horas (deveriam ser catorze...).

LUIS PARREIRA E BENVINDA FERNANDES contraem matrimónio com Deus. Ela, elegante no seu lindo vestido de noiva; ele, imponente, mesmo sem o fardamento habitual.

A cerimónia católica terminou cerca das 16H00, fazendo-se então sentir bastante calor no largo da freguesia, já que o domingo estava radiante de sol.

O cortejo rumou então em direcção à BA4, em cuja entrada se verificou alguma demora para conferência de "passes", sendo o repasto fornecido no Clube de Sargentos Portugueses, com o seu início pelas 17H30... já com muito estômago a "bater horas". Foi então servida uma sopa fria para matar o "bicho" e, logo depois, os recém-casados e familiares deram início ao "self-service", logo seguidos das cerca de duas centenas de convidados.

O menú satisfez plenamente, sendo variado e bem confeccionado.

Durante o repasto, e como é tradição nas freguesias rurais, dois sapatos calcorrearam todas as mesas recolhendo mais uns trocados para os noivos.

No final, as tradicionais cerimónias do bouquet e da liga animaram a festa. Refira-se, a propósito, que o Luis António encontrou a liga com a rapidez de quem saca uma pistola; apenas fraquejou depois no respectivo "tiro", ficando a meio da viagem.

Da equipa de "OS MONTANHEIROS", estiveram presentes (conforme foto abaixo) José Maria, Fernando Pereira, José Ficher, Luis Pimentel e Luis Vasconcelos, que desejaram e desejam, bem como toda a restante equipa, as maiores venturas e felicidades ao Luis Parreira, membro dos corpos gerentes desta Sociedade, e à sua jovem esposa. E muita Segurança, que bem necessária é...



GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (31)

ILHA DE SANTA MARIA

GRUTA DAS POMBAS

A FURNA DAS POMBAS, situada na Ilha de Santa Maria, tem os seguintes valores espeleométricos:

- Comprimento total: 337m
- Largura máxima: 12,5m
- Largura mínima: 0,4m
- Altura máxima: 14,5m
- Altura mínima: 0,5m

Um aspecto da entrada da furna



Fica situada na arriba em frente ao parque eólico, entre a Ponta do Marvão e o Figueiral. A composição da arriba tem a seguinte ordem de materiais: o nível do mar, uma camada de argila tufácea com seixos de granulometria diversa, seguem-se camadas de escoadas basálticas intercaladas por materiais piroclásticos amarelados.

No interior da cavidade existem camadas de arenito fossilífero e dois filões de basalto, com disjunção prismática horizontal.

Segundo a carta vulcanológica dos Açores, Ilha de Santa Maria - Centro de Vulcanologia do I.N.I.C., 1987, a cavidade desenvolve-se em materiais do Complexo dos Anjos e do Touril, e numa falha.

A falha, os materiais de dureza diversa que compõem a arriba, o desenho em forma de cunha da pequena baía onde se situa a furna, a sua orientação para os ventos predominantes e os Invernos bastante rigorosos que afectam aquela costa, facilitaram o trabalho erosivo do mar, que durante anos foi corroendo a arriba e entrando por ela dentro - cerca de 337 metros

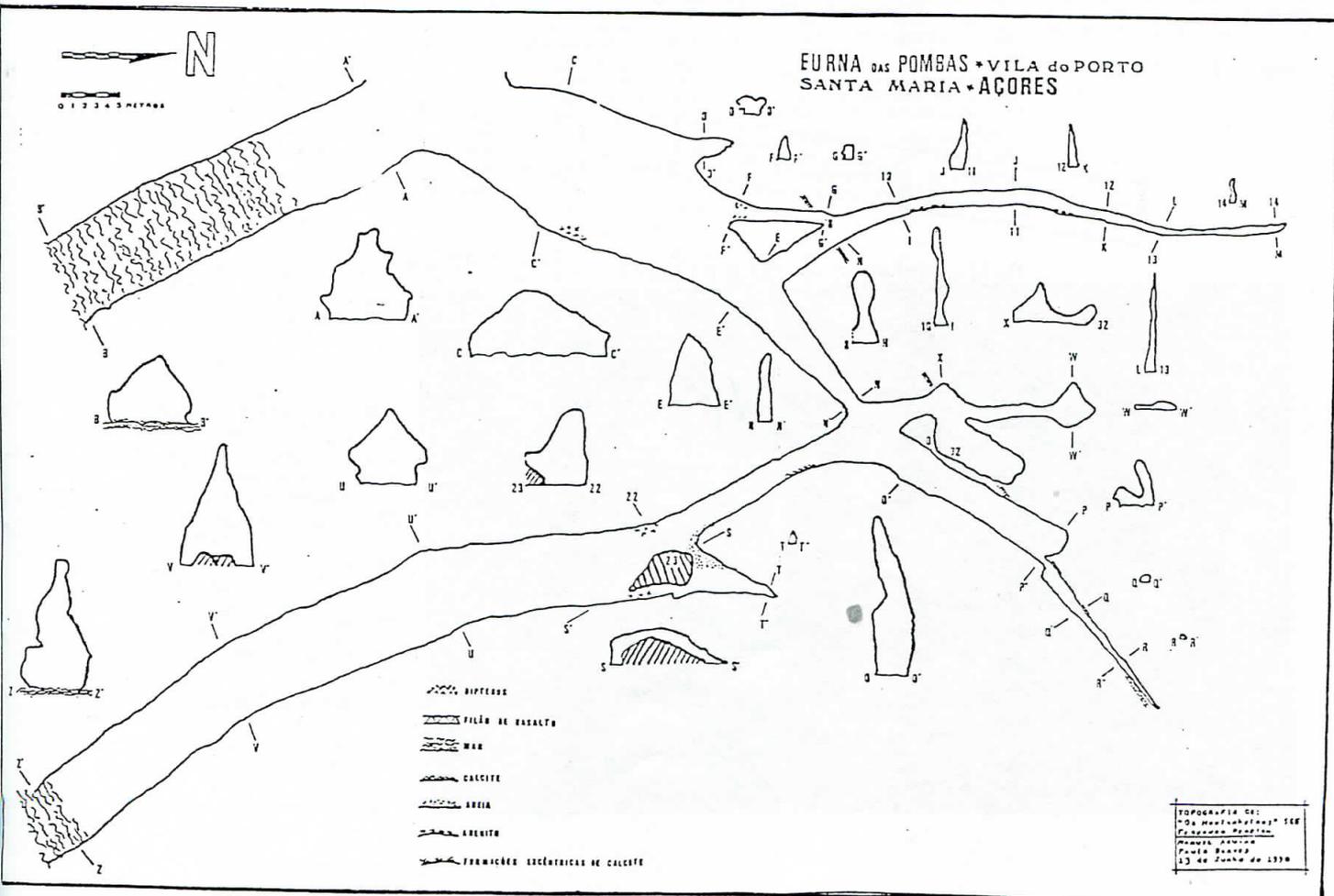
A 50 metros da abertura , enterrada na areia que cobre o pavimento, foi encontrada uma estalactite de calcite. A parede nesse local está coberta por uma camada de calcite, desde o tecto até ao chão:

A descrição colhida no Capítulo Quinto Livro Terceiro das SAUDADES DA TERRA, do Doutor Gaspar Frutuoso reza o seguinte, (pag. 68):

"... , junto do mar, como em um capelo entre duas vinhas e a ponta do Marvão, estão duas furnas de greda, uma delas muito grande, assim de comprido como de altura, que se chama a Furna Velha, a que se não acha cabo; da qual (indo com candeias acesas por ser dentro escura) se tira um barro fino, cinzento como sabão macio, que servia para lavar pano de cor, principalmente branco, e tirar nódoas dele; untando-as com a greda branda e mole e pondo o pano a secar ao Sol, secando-se, ela chupa e recolhe em si a graxa, ou azeite, ou qualquer outro licor que fez a nódoa e, lavando-se depois o mesmo pano, fica sem ela. Junto a esta está outra furna, que se chama a Nova, por se usar dela depois, em que também se tira mais greda, sem candeia. ... "

Após a descrição acima, julgamos ser a Furna Velha a actual das Pombas, uma vez que no seu interior se verifica o citado barro fino de cor cinzenta no final de cada um dos corredores.

A deslocação de "OS MONTANHEIROS" a esta furna verificou-se a quando da EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA-1990 a Santa Maria e às Formigas, da responsabilidade e organização do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores, de Ponta Delgada.



RECORTES DO ALBUM

"DIÁRIO INSULAR" - 21/MAIO/1971

REABRIRÁ, POR CERTO, O ALGAR DO CARVÃO AUXÍLIO NECESSÁRIO À NOVA ESCADARIA QUE É PRECISO CONSTRUIR

Ultimamente pouco ou nada se tem falado nos «Montanheiros».

Contudo, visitando, agora, aquela Sociedade, soubemos que os seus trabalhos continuam, mercê de grande esforço e dedicação.

Como é do conhecimento de todos, o ALGAR DO CARVÃO, a famosa cratera vulcânica de há muito explorada por aquela colectividade, foi por mais de uma vez vítima, quanto à entrada e escada, de arrombamento e destruição (sem interesse para aquele ou aqueles que o praticaram), verificando-se avultados prejuízos materiais para a referida sociedade e, claro está, para a comunidade.

Apesar disso, OS MONTANHEIROS não desanimam. E a bela gruta voltará a ser franqueada ao público no próximo mês de Junho, por ocasião das Festas da Cidade.

Pela conversa que tivemos com os membros directivos, podemos e devemos afirmar que ninguém pode avaliar as dificuldades que surgem nestes trabalhos de reconstrução da escadaria de acesso ao interior da cratera. Sem olhar aos perigos que os rodeiam OS MONTANHEIROS operam em sucessivos momentos de entusiasmo, conseguindo um trabalho duro, que bem reflete uma frase inscrita nas paredes daquela Sociedade e que aqui repetimos — O PERIGO É A SUA MISAÇÃO.

F. A. L.



"A UNIÃO" - 24/MAIO/1971

Os Montanheiros + Algar do Carvão = Trabalho Duro

Em referência ao artigo publicado no Diário Insular de 21 do corrente, OS MONTANHEIROS informam o público em geral que à custa de intensos trabalhos, se encontra já bastante adiantada a reconstrução da escadaria principal de acesso ao interior do ALGAR DO CARVÃO.

Pela experiência obtida nas diversas visitas a este Algar, a referida obra tem sido agora superiormente orientada por técnico competente, o qual procurou dar um aspecto diferente na disposição deste acesso, facilitando assim mais a des-

cida a todos, sem o efeito psicológico do medo do abismo.

Desta vez, os 365 degraus serão acompanhados de corrimões, bem como será todo o acesso completamente remodelado, para melhor conforto e segurança dos visitantes.

O desaparecido JARDIM VULCÂNICO, voltará a mostrar as suas belas plantas, ornamentando aquela magnífica cratera.

Quanto à estrada de acesso à gruta, será também o pavimento devidamente reparado, facilitando assim a passagem a qualquer veículo.

Nestes trabalhos, embora com grande esforço da parte de Os Montanheiros, há a salientar o auxílio da Câmara Municipal de Angra, Comissão Regional de Turismo da Ilha Terceira e Junta Geral

E, agora em face do exposto, Os Montanheiros terminam este apontamento, esperando desde já o bom acolhimento de todos que os queiram honrar com a sua visita nas próximas aberturas do Algar do Carvão por ocasião das Festas da Cidade.

OS «MONTANHEIROS» no Algar do Carvão

O TRABALHO É DURO

Em referência ao artigo publicado no «Diário Insular» de 21 do corrente OS MONTANHEIROS informam o público em geral que à custa de intensos trabalhos, se encontra já bastante adiantada a reconstrução da escadaria principal de acesso ao interior do ALGAR DO CARVÃO.

Pela experiência obtida nas diver-

NOVA ESCADARIA

SOB TRAÇADO
MAIS SEGURO

OUTRAS OBRAS
EM CURSO

COMPARTICIPAÇÕES
ASSEGURADAS
E OUTRAS
QUE SE AGUARDAM
(AS DO PÚBLICO)

sas visitas a este Algar, a referida obra tem sido agora superiormente orientada por técnico competente, o qual procurou dar um aspecto diferente na disposição deste acesso, facilitando assim mais a descida a todos sem o efeito psicológico da atracção do abismo.

Desta vez, os 365 degraus serão acompanhados de corrimãos, bem como será todo o acesso completamente remodelado, para melhor conforto e segurança dos visitantes.

O desaparecido JARDIM VULCÂNICO voltará a mostrar as suas belas plantas, ornamentando aquela magnífica cratera.

Quanto à estrada de acesso à gruta, será também o pavimento devidamente reparado, facilitando assim a passagem a qualquer veículo.

Nestes trabalhos, embora com grande esforço da parte de Os Montanheiros há a salientar o auxílio da Câmara Municipal de Angra, Comissão Regional de Turismo da Ilha Terceira e Junta Geral.

E, agora em face do exposto, Os Montanheiros terminam este apontamento, esperando desde já o bom acolhimento de todos que os queiram honrar com a sua visita nas próximas aberturas do Algar do Carvão por ocasião das Festas da Cidade.

No passado Domingo, fui em passeio pelo centro da ilha, para ver a Furna do Cabrito na Caldeira Guilherme Moniz, túnel vulcânico com um ribeiro de água fresca e cristalina no seu interior.

Prosegui na direcção do Algar do Carvão.

Encontrando a cancela de entrada aberta, aventurei-me com a minha viatura a entrar qual foi o meu espanto ao verificar que o pavimento da mesma está em boas condições até à praça de estacionamento.

Ao sair do meu carro vejo alguns Montanheiros conhecidos, a levarem paus e plantas às costas para o interior do Algar, trabalho duro para aqueles que lá vi pois nenhum exerce profissão adequada a tais esforços.

Entre em contacto com um, travando-se entre nós o seguinte diálogo:

— Em que data esperam abrir ao público esta Gruta?

— Os trabalhos da reconstrução da escadaria principal, limpeza e abertura de novos arranjos e embelezamento do Jardim Vulcânico estão praticamente concluídos, estando em início os trabalhos de iluminação cuja conclusão se prevê para a próxima sexta-feira, efectuando-se no sábado uma vistoria geral com iluminação do Algar. Portanto esperamos abrir no próximo domingo, em hora a indicar pela Rádio e Imprensa no sábado, dia 19.

— Como conseguiram reparar em tão curto espaço de tempo

esta estrada que nos traz até aqui?

— Devemos este trabalho à boa vontade da Secção de Obras Públicas da Junta Geral que atendeu prontamente ao nosso pedido.

Em nome de todos os terceirenses e em especial os Montanheiros agradecemos esta inestimável colaboração, pois sem a estrada em condições torna-se difícil o acesso até esta praça a qualquer viatura.

Acompanhado por esse Montanheiro fiz uma pré-visita ao já meu conhecido Algar do Carvão, efectuei a descida da escadaria principal sem qualquer dificuldade. Ao chegar ao pátio entrei naquele maravilhoso Jardim Vulcânico, ornamentado com fetos arbóreos colhidos na freguesia da Agualva por uma brigada que ali se deslocou no passado sábado.

— Farão alguma excursão como nos anos anteriores?

— É nossa vontade oferecer aos nossos consócios um passeio como já é costume da nossa Colectividade, bem como organizar excursões para o público em geral.

— Quais os dias durante as Festas da Cidade em que o Algar estará patente ao público?

— Atendendo à vida profissional dos elementos directivos desta Sociedade só é possível abrir no próximo domingo e no seguinte.

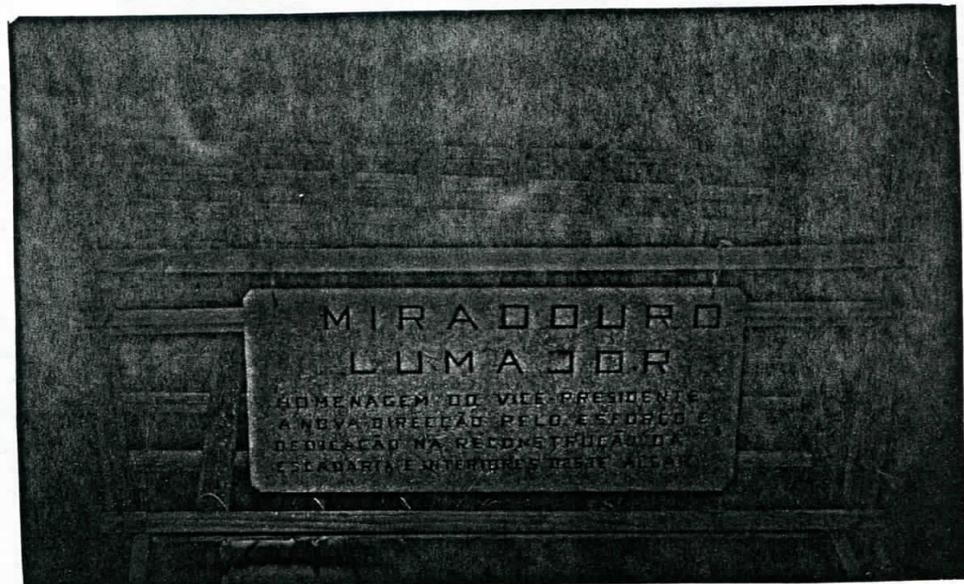
Se no entanto houver grande afluência de forasteiros interessados em visitar o Algar do Carvão por não terem oportunidade de o fazerem naqueles dois domingos, pensamos organizar excursões para os mesmos durante o período das Festas sendo essas visitas nocturnas.

Podemos afirmar que a visita nocturna em nada fica a dever à diurna pois dá-nos uma nova dimensão fora do vulgar.

Completei o passeio ao interior da terra relembro a brancura das estalactites de sílica a contrastar com o cinzento do basalto e o vermelho limonítico que ornamentam as abóbadas daquela catedral subterrânea, ouvindo a sinfonia de pingos que incessantemente caem na lagoa imitando um chilreio de passarinhos ao amanhecer.

Regressei à luz do Sol com o espírito limpo de problemas do dia a dia pois naquela cavidade vulcânica esquecemo-nos do mundo exterior e dos seus males com o sossego que ali reina.

F. Greta



ULTIMO PINGO

DAS DUAS ... UMA !

A Direcção Regional do Ambiente decidiu (e bem) colocar uma tabuleta na Ponta da Mina (ilha Terceira), entre a Baía da Corda e a Baía das Mós, com o objectivo de proteger o garajau que habita naqueles ilhéus ("do Feno", "do Garajau" e "da Mina). Tratou-se, de facto, de uma boa ideia. Só que... existe ali grande incongruência!
Com efeito, junto à referida tabuleta está uma "ponte" de betão, "edificada" por pescadores há alguns anos atrás.



E se, de início, eram poucas as pessoas que se atreviam a atravessar a ponte (dado o estado de degradação em que esta se acha, provocado pela erosão marítima), hoje em dia já não sucede o mesmo.
Como a ponte foi resistindo através do tempo, agora já são muitos os que se aventuram, talvez até (ironicamente) motivados pelo aviso da tabuleta e a mais natural das curiosidades.
Assim, pelo que se tem visto, a tabuleta não trouxe, só por si, vantagens para a protecção ao garajau... a não ser que o mar se encarregue de levar a "ponte"...

Há ali algo a mais: ou a tabuleta ou a ponte!
DAS DUAS...UMA!

PINGO DE LAVA

ÓRGÃO INFORMATIVO DE "OS MONTANHEIROS"
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO – Rua da Rocha, 6/8
9700 ANGRA DO HEROÍSMO – TERCEIRA/AÇORES
TELEFONE 22992

— DISTRIBUIÇÃO GRATUITA —

